OPERAÇÃO LAVA-PRATO

Marion Aranha Pacheco Muggiati

Direitos autorais do texto original © 2016

Marion Aranha Pacheco Muggiati

Todos os direitos reservados

Aos meus amados filhos,

Ana, Cássio e Luiz.

APRESENTAÇÃO

Esta é uma obra de ficção: qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Não se trata de crítica a este ou àquele governo, mas às mazelas que se repetem ao longo da História da Humanidade.

A narrativa se passa num país imaginário e retrata, de forma bem-humorada, a luta do povo contra a opressão, os desmandos e a corrupção no exercício do poder. As esperanças são depositadas num sistema judicial sério e eficiente, que põe colarinhos brancos atrás das grades, onde, quem sabe, terão tempo para refletir e ouvir suas próprias consciências...

Índice

Capítulo I – A Colônia
Capítulo II – O Império
Capítulo III – A República
Capítulo IV – A Operação Lava-Prato

Capítulo I – A Colônia

O trancar da porta soou aos ouvidos de Misrail como uma lança a ferir-lhe o peito. Olhou para as grades frias e as paredes sujas, lamentando não ter direito a cela especial. Deveria ter providenciado um diploma de curso superior. O jeito era se conformar e torcer para ser libertado logo. Ao menos tinha conseguido uma cela exclusiva, como observara o carcereiro.

Bando de ingratos, pensou. Depois de tudo o que fiz por esse povo! Como tiveram a ousadia de me prender?! Esquecem o quanto lutei pela democracia?! Cospem no prato em que comeram. E esse processo? Nunca pensei que pudesse haver tanta injustiça! Como puderam transformar o meu *Programa Prato Cheio*, que acabou com a fome neste país, nessa execrável *Operação Lava-Prato*? O que eles queriam? Achavam que eu ia fazer milagre para dar de comer ao povo? O que é uma gorjeta aqui, um favorzinho ali, em troca de encher de comida a mesa dos pobres?

Deixou-se cair na cama, arrasado, pensando nos lugares maravilhosos em que poderia estar naquele exato momento: o apartamento de luxo, o iate, a mansão na praia... Todos esses bens bloqueados por aquele *juizinho de m...* E os companheiros? Os aliados políticos? Onde foi parar aquele bando de lambe-botas?

Eu não podia ter deixado isso acontecer, disse a si mesmo. Onde foi que eu errei?! Devia ter fugido do país antes. Como ia adivinhar que aqueles juízes da Suprema Corte iam me trair? Como saber que todo o meu gabinete ia me abandonar? Como fui confiar naquele bando de traidores e incompetentes? Não devia ter confiado em ninguém. Devia ter resolvido tudo pessoalmente. Podia ter forjado as provas, subornado as testemunhas, calado os delatores, destituído o delegado, acabado com aquele juiz... Eu tinha que ter desmantelado essa malfadada *Operação Lava-Prato*. Agora estou aqui, humilhado, neste cubículo imundo... Logo eu! O salvador da pátria... O órfão sacrificado... O menino pobre... O filho de um mártir...

Aos poucos, o raciocínio ficou lento, as pálpebras pesaram e o sentimento de indignação se misturou aos sonhos e às lembranças do passado.

— Seu pai foi um verdadeiro herói – sussurrou-lhe ao ouvido uma voz feminina.

Levantou-se, assustado, ao ver uma mulher deslumbrante sentada na beira da cama.

— Quem é você?

— Você me conhece – respondeu, sorrindo, a voz meiga. — Estou sempre por perto. Só que você nunca me ouve!

— Isso é absurdo. Não te conheço! Como conseguiu entrar aqui?

— Eu posso entrar em qualquer lugar. Posso acompanhá-lo aonde for...

— Você é louca?!

— Como eu ia dizendo, o seu pai foi herói de verdade. Mas você... A mim, não engana. Nunca enganou. Eu estava por perto em cada decisão sua. Tentava mostrar-lhe o caminho certo, todas as noites, mas você me expulsava da sua cama. Preferia não me dar ouvidos...

— Você é maluca mesmo. A única mulher que dormia na minha cama era a minha esposa.

— Mas sei muito bem que às vezes você visitava outras camas, variava de companhia... Quantas vezes mentiu para a esposa e caiu nos braços daquela morena? Eu também estava lá, naquela casinha na vila dos pescadores...

— Você é uma espiã? É uma bruxa?

— Sou uma espécie de conselheira, de guardiã. Todos têm uma consciência. Digamos que eu seja a sua...

— Isso só pode ser alucinação. Um pesadelo!

— Pode chamar assim, se quiser.

— Devem ter posto alguma droga na minha comida.

— Talvez. Algumas drogas funcionam como uma espécie de expansor de consciência. Mas, seja pelo motivo que for, estou feliz por finalmente conseguir que você me ouça. Sempre ignorou minha presença. Quando eu tentava contato, expulsava-me sem dó. Não me deixar falar nada...

— É isso mesmo que vou fazer agora. Eu ordeno que desapareça!

Voltou a deitar-se e virou para o outro lado.

— Isso é impossível. No momento em que você me fez uma pergunta, deixou que eu ocupasse meu espaço e vai ter que ouvir minha resposta.

— Não perguntei nada. Saia já daqui. Vou chamar o guarda.

— Perguntou, sim. Perguntou: *Onde foi que eu errei?* Pois estou aqui para responder. Errou quando se entregou à vaidade e à ambição. Quando se apegou ao poder com unhas e dentes. Quando enganou o povo e só pensou em si mesmo. Quando deu maus exemplos, foi desonesto, corrupto, ladrão... O alto salário de presidente já não lhe bastava? Precisava roubar tanto?

— Isso tudo é mentira! Sou um herói, assim como o meu pai. Aliás, nem sei por que estou discutindo com você. Só pode ser uma alucinação ridícula.

— Já disse que a mim, não engana. Pode mentir para todos, mas não para mim. Você não é igual ao seu pai. Ele foi um herói e você tinha tudo para também ser, mas se transformou num vilão. Quer ver a diferença?

Ela acionou com um controle remoto um telão em frente à cama.

— O que é isso? Aqui não tinha esse *home teather*! Isso tudo é só um sonho maluco. Daqui a pouco vou acordar desse pesadelo...

Ela continuou a operar o controle remoto, ignorando as reclamações.

— Aqui está! Vamos começar revendo a história do seu pai, o herói Artévio.

Estarrecido diante da imagem, Misrail acabou se rendendo ao absurdo da situação e se acomodou na cama, para assistir ao intrigante filme.

***

Pairava completo silêncio na vila. Antes que começasse o cantar dos galos, o tilintar dos talheres, o aroma dos cafés e os suspiros das despedidas, ouviu-se um choro infantil, que mais parecia o miado de um gato tinhoso. Somente a lua cheia testemunhou a expressão radiante do Capitão Artévio ao expor para o mundo, da janela do seu casebre, o filho forte e sadio que acabara de nascer.

Poucas horas depois, quando se insinuavam os primeiros raios de sol e a lua se despedia no poente, seu barco já estava em pleno mar, que prometia bons frutos.

O Capitão parecia excepcionalmente bem-humorado, apesar de não ter dormido a noite toda. Anunciou, orgulhoso, à tripulação:

— Hoje à noite, teremos festa! Este barco vai ser batizado novamente, com o nome de Misrail. Guardem bem este dia: hoje nasceu meu filho, o Misrail.

— De onde tirou esse nome, Capitão? – perguntou um dos marinheiros.

— Misrail significa *O Salvador*. Aquele que veio para salvar o nosso povo!

— E como sabe disso? – desafiou outro pescador.

— A Lua que me disse isso, quando lhe mostrei meu menino. Foi o choro de recém-nascido mais forte que já se ouviu na história desta ilha! Estão todos convidados para a grande festa!

O discurso terminou em aplausos e os marinheiros voltaram ao trabalho, mais animados do que de costume.

O barco voltou alguns dias depois, abarrotado de peixes. Acreditou-se que tal fartura poderia ser um sinal divino de que realmente nascera o futuro salvador. Nunca se viu tanto peixe numa só pescaria! Pena que, antes do rateio, seria separado um quarto da produção, destinado à Coroa.

Antes que o barco atracasse no cais, o fiscal estaria de plantão para se certificar de que não seria sonegado um marisco sequer. Os contêineres frigoríficos também estariam à espera, para serem embarcados no navio, junto com os produtos já recolhidos dos lavradores, caçadores e garimpeiros da Colônia.

Tão logo encerrado o desembarque, foi anunciado que todos deveriam comparecer à praça, na tarde de domingo, para ouvir um porta-voz que seria enviado da Corte. A semana foi de especulações sobre as medidas drásticas que os aguardavam.

Os mais informados sabiam que a Metrópole estava para declarar guerra contra Kavatar, o país vizinho, com o qual disputava uma faixa de território. Talvez a Coroa parasse de enviar ajuda à ilha. Falou-se em corte no envio de remédios, equipamentos, médicos, enfermeiras... Tudo estaria a serviço do Exército. A Colônia ficaria abandonada à própria sorte.

Após dias de ansiedade, o povo se reuniu no largo de chão batido a que se chamava de praça. Os mais otimistas ainda se agarravam a um fio de esperança de que os rumores sobre a guerra seriam desmentidos. A maioria, porém, esperava pelo pior.

Pela quantidade de guardas espalhados em pontos estratégicos, podia-se imaginar que coisa boa não seria. Aguardavam o discurso, em apreensivo silêncio, enquanto o porta-voz da Coroa tentava subir no tablado construído para o evento. Seus assistentes tiveram que improvisar um degrau, com uma banqueta, pois o homem era muito baixo e sofria da coluna.

Quando conseguiu se instalar no palanque, acertou a postura, pôs um sorriso ensaiado no rosto e ajeitou o cabelo com as duas mãos. Fazia-o mais por hábito do que por necessidade. A cabeleira grisalha penteada para trás permanecia impecável, assim como o terno branco e a gravata borboleta com as cores do escudo da Coroa. As notícias que trazia eram mais drásticas do que cogitavam as mais pessimistas das previsões:

— Ilhoas e ilhéus! Povo da ilha de Belezer! Saúdo-os em nome de Sua Majestade, nossa adorável Soberana. Neste momento tão difícil, ela conta com a colaboração de cada um dos seus súditos. Sofremos grave ameaça em nosso território! Todas as tentativas de solução diplomática já foram esgotadas. O inimigo se recusa a retirar a guarnição militar de perto da fronteira. Estamos sujeitos a uma invasão a qualquer momento. Não vamos esperar que isso aconteça. A guerra contra Kavatar vai

ser declarada dentro de poucos dias. É a integridade do Império que está em risco! Precisamos nos unir em defesa da Coroa!

Ouviram-se alguns tímidos aplausos, que logo cessaram. Prosseguiu o porta-voz:

— Cada um precisará contribuir com um pouco, pois é a união que faz a força! Para isso, de hoje em diante, um terço de tudo o que for produzido nesta terra, de abençoada fertilidade, será enviado à Corte. Não só os produtos da terra, é claro, mas também os frutos do mar. Todos vocês vão colaborar com esse pequeno aumento no imposto, para reforçar os recursos do nosso Exército. Poderão, um dia, dizer para seus netos que ajudaram a defender a nossa venerada Rainha!

A primeira reação foi de silêncio. Incrédulo e embasbacado, o povo levou alguns segundos para assimilar a notícia. Em seguida, ouviram-se alguns protestos indignados. Iniciou-se um tumulto, rapidamente silenciado pelo soar de um sino e uma postura mais altiva dos guardas.

— Ninguém vai morrer de fome por doar um pouquinho mais do suor do seu rosto por um bem maior! – continuou o orador. — Precisam pensar no mundo melhor que vão deixar para seus filhos e netos. Em tempos de guerra, é necessário o sacrifício de todos! E tem mais: Sua Majestade vos concede a honra de se alistar no Exército imperial! Todos os homens de 15 a 45 anos estão convocados...

Desta vez o povo não precisou de um segundo sequer para digerir o que ouviu. O alvoroço começou imediatamente. O soar do sino foi mais agressivo e os guardas se posicionaram em atitude ainda mais intimidante, contrastando com o tom amigável da fala do porta-voz:

— É compreensível essa inquietude, meus caros, mas não há motivo para pânico!

— E quem vai sustentar nossas famílias? – gritou um dos ouvintes.

— É isso que vou lhes explicar – prosseguiu o porta-voz, antes que começasse nova balbúrdia. — Será poupado um homem por família! Foi para isso que fizemos o censo no mês passado. A lista dos convocados estará amanhã no escritório da sede local do governo. Estará também na porta da igreja e no armazém. Todos os que tiverem seus nomes na lista deverão se apresentar no cais daqui a uma semana, ao nascer do sol, quando atracará o navio da Marinha que os levará para a zona de combate. Vida longa à Rainha!

Protegido pelos guardas, o orador desceu rapidamente do palanque e entrou no jipe que o levaria ao cais. O ronco do motor abafou, para seu alívio, a mistura de gritos de homens indignados e choros de mulheres desesperadas que deixava atrás de si.

Quando a comitiva desapareceu, acirraram-se ainda mais os ânimos. Os trabalhadores cobravam de seu líder, o Capitão Artévio, alguma atitude. Não poderiam esperar por um salvador que ainda usava fraldas. Se teriam que ir para a guerra, que fosse contra a Metrópole. Exigiram que Artévio encabeçasse a revolta pela independência. Aos poucos o rebuliço se transformou num clamor, a uma só voz: *Independência ou Morte*!

As palavras de ordem foram repetidas pela multidão até que Artévio subisse ao palanque vazio. Era um homem rude, sem oratória, mas teve a sabedoria de apaziguar os ânimos e despistar possíveis espiões, falando em código:

— Calma, meu povo! Não adianta brigar contra a maré! Vamos cuidar da nossa vida. Amanhã o mar vai estar *traiçoeiro*! É preciso muito *cuidado*! Antes de sairmos para a pesca, vamos nos *reunir* para decidir como enfrentaremos o mar. Vou lhes mostrar meu filho recém-nascido, o *Misrail*. Entenderam? Ele é abençoado e nos guiará! Viva Misrail!

Os que decifraram a mensagem a partir das palavras pronunciadas com ênfase e da origem do nome do filho de Artévio, transmitiram-na para os amigos. Aos poucos, avolumou-se o coro a repetir as novas palavras de ordem: *Viva Misrail*!

***

A reunião aconteceu de madrugada, na associação dos pescadores, a quilômetros de distância dos funcionários do governo local da Corte, que viviam confortavelmente na cidade. Compareceram também lavradores, dispostos a usar enxadas e foices como armas. Somaram-se ao movimento os caçadores, que disponibilizaram espingardas e conjuntos de arco e flecha.

— Temos uma semana para os preparativos. Precisamos escolher o comandante da revolução – propôs Artévio.

No mesmo instante, foi aclamado com unanimidade para o comando. Ninguém melhor do que ele, o Capitão, para liderar a luta.

— Sou bom para comandar um barco, mas não uma guerra! Não entendo nada disso. Sou homem de paz! Voto em Melaquir. Precisamos de um comandante estudado, inteligente. Ele sim, saberá conduzir uma revolução.

— Não tenho o seu carisma! – discordou Melaquir. — Não nasci para ser líder. Mas me disponho a ajudar, como seu conselheiro.

A ideia foi aceita, novamente por aclamação. Melaquir era um dos poucos participantes da reunião que tinha avançado nos estudos. Viveu durante anos no continente, estudando num mosteiro, mas acabou voltando para a ilha quando sua mãe ficou viúva e doente. Depois da morte dela, passou a viver sozinho, da caça e da coleta, numa cabana perto da floresta.

Era um homem introvertido, de poucos amigos, mas realmente útil à revolução. Além de ler jornais que vinham do continente com certa frequência, tinha uma pequena biblioteca em casa. Os livros de História sempre foram os seus preferidos. Havia lido muito sobre batalhas e estratégias de guerra.

— Proclamemos a independência neste momento – ele propôs, solenemente. — Em seguida, nomearemos Artévio nosso governante provisório. Como primeiro ato, ele convocará todos os homens de Belezer para a luta contra a Metrópole. Quando acabar a guerra, instalaremos uma assembleia para criar nossa constituição.

— O que é constituição? – perguntou um pescador.

— É a lei do nosso país. É ela que vai definir se esta ilha será uma república ou uma monarquia, como vão ser escolhidos os governantes... Mas isso é assunto para depois. Proponho escrever tudo o que dissemos numa ata, para que todos assinem. Quem não sabe assinar, pode deixar a marca do seu dedo.

Aquela era a primeira reunião da associação a ser documentada. O pescador que morava mais perto foi até sua casa buscar algumas folhas do caderno escolar do filho, uma caneta e um tinteiro.

Melaquir escreveu cuidadosamente o que fora combinado, começando com a seguinte frase: *Nós, povo desta ilha denominada Belezer, neste ato proclamamos a independência de nosso país, cuja forma de governo será escolhida pela assembleia constituinte a ser instalada assim que possível*.

Quando terminou de redigir o documento, todos ouviram com atenção a sua leitura e só então foram colhidas assinaturas e impressões digitais.

— Está proclamada a Independência de Belezer! Agora só nos resta ir à luta, para a defesa da *nossa* Pátria – anunciou Artévio, emocionado.

Quando todos se retiraram, Melaquir chamou-o para uma conversa reservada. Deviam manter em sigilo alguns assuntos estratégicos.

— Acho que devemos pedir apoio ao Presidente do Kavatar – propôs.

— E por que nos ajudaria? – questionou Artévio.

— Para unir forças. Em vez de lutar pela Rainha, lutamos contra ela.

— E quem nos garante que o Kavatar não vai querer ser o novo dono desta Colônia?

— Não acredito. Eles não têm um perfil imperialista. Sabem o que estamos passando, pois proclamaram a sua própria independência há alguns anos.

— É verdade...

— Mas, de todo modo, podemos oferecer informações secretas em troca da assinatura de um tratado que reconheça a nossa independência. Se assinarem o tratado, informaremos tudo o que sabemos sobre os planos da Corte, principalmente a informação de que a guerra está para ser declarada e que os navios da Rainha provavelmente vão surpreendê-los pela retaguarda. Por isso partirão daqui. Nossa ilha é estratégica.

Enquanto expunha suas ideias, Melaquir rabiscou um mapa do continente, ao qual se prendia, ao sul, a península de Kavatar. Marcou a área da divisa onde estariam as guarnições militares do pequeno país e representou, com algumas setas, o movimento de navios partindo de Belezer e cercando a península.

— É isso mesmo – concordou Artévio, admirado com a sabedoria do conselheiro. — Está autorizado a partir hoje mesmo e falar em meu nome.

Melaquir redigiu um documento para Artévio assinar, nomeando-o ministro do exterior. Anexou-o à ata da independência e embarcou, com um marinheiro de confiança, rumo à sua primeira missão diplomática.

***

No dia em que deveriam se apresentar ao Exército da Coroa, os trabalhadores de Belezer saíram de casa dispostos a enfrentá-lo. Os primeiros raios de sol pareciam inaugurar um novo tempo. Já se distinguia, em meio à bruma da manhã, o maior navio de guerra da Metrópole, ancorado a certa distância da costa.

Apreensivos, mas confiantes, os revoltosos caminhavam rumo ao cais em silêncio, levando as armas escondidas nas trouxas. Estavam dispostos a lutar pela pátria até a morte.

À frente de todos caminhava Artévio, com passos firmes. Assim que a embarcação menor que os levaria até o navio atracasse, ele comunicaria a independência de Belezer. Acreditava que os marinheiros encarregados do traslado até o navio não oporiam resistência. De todo modo, se necessário, usariam as armas e lutariam pela liberdade.

Quando atingiram o topo da última colina que os separava do cais, tiveram uma surpresa: houvera um traidor. A tropa de fuzileiros os esperava na praia, fortemente armada. O comandante ordenou, por um megafone, que se rendessem.

Artévio não hesitou. Continuou marchando firme. Ao se aproximar, em vez de anunciar a rendição, mandou que deixassem imediatamente o território do seu país. Foram suas últimas palavras, antes de entrar para a História como o Mártir da Independência, fuzilado na frente dos companheiros.

Os trabalhadores avançaram heroicamente, dispostos a morrer, como Artévio. No entanto, foram surpreendidos pelo reforço dos soldados de Kavatar. Haviam desembarcado na calada da noite e até então permaneciam escondidos em pontos estratégicos, assim como um canhão, também enviado pelo país vizinho. Poucos sabiam desse segredo, guardado a sete chaves por Artévio e Melaquir.

Os fuzileiros da Coroa, também pegos de surpresa, bateram em retirada. A primeira batalha estava ganha, com poucos feridos e somente um morto. Seria um dia de festa, não fosse o luto pelo primeiro herói nacional de Belezer.

Não houve mais batalhas. O presidente do Kavatar conseguiu a adesão de representantes de outros Estados à defesa da independência de Belezer. Sob a ameaça de sofrer embargos e outras sanções internacionais, a Metrópole foi obrigada a abrir mão da Colônia. Misrail cresceria órfão, mas seu pai lhe deixava o legado de viver num país livre.

Capítulo II – O Império

Antes que se realizasse a assembleia constituinte, Astulfo, irmão de Artévio, intitulou-se o novo líder do povo. Era completamente diferente dos pescadores. Como sofria de asma na infância, os pais o deixaram num mosteiro, na Corte, para que recebesse cuidados médicos e estudasse. Não daria para o trabalho braçal. Voltou para Belezer já moço, fugido do continente, por ter tentado seduzir uma jovem de família nobre. Conseguiu um emprego burocrático na cidade, junto ao governo local da Coroa. Fez amizade com outros funcionários e, com pequenos golpes e desvios de riquezas, juntou um bom pé-de-meia.

Quando soube da revolta dos pescadores, mandou um espião de sua confiança se infiltrar no movimento. Enquanto os trabalhadores arriscavam suas vidas para libertar-se da Coroa, ele articulava seu futuro político.

Melaquir tentou marcar uma audiência com o novo líder, para insistir na necessidade de instalação da assembleia constituinte e de eleições gerais. Como resposta, Astulfo declarou em praça pública que ele próprio já havia redigido a constituição, que lhe dava plenos poderes, como o Imperador de Belezer. Mandou um mensageiro levar para Melaquir o recado de que quem ousasse desafiar sua autoridade iria para a forca.

Seguiram-se anos de tirania. Enquanto o povo passava fome, Astulfo edificou um grande palácio para sua moradia. Quando o palácio ficou pronto, mandou chamar a cunhada Senícia, viúva de Artévio.

Aliviada, achando que o filho receberia alguma assistência do tio, Senícia acatou imediatamente o convite. Quando desceu do carro que a levou até a cidade, sentiu-se assombrada com a grandeza do palácio.

— Tudo isso pode ser teu – disse-lhe o cunhado. — Basta que se case comigo.

Ela não conseguiu pronunciar uma só palavra. Ele tentou beijá-la, mas foi repelido.

— Estou disposto a adotar o teu filho – insistiu. — Misrail será o herdeiro do trono!

— Como pode desrespeitar o teu irmão que morreu há menos de um ano?

— Respeitei dia após dia, enquanto ele estava vivo e eu te amava em segredo. Mas agora nada nos impede...

Ele a puxou para junto de si e novamente foi rejeitado.

— Desculpe, meu cunhado, mas não estou pensando em casamento. Ainda guardo o luto pela perda do meu amado Artévio. Só quero criar meu filho com dignidade. Se puder mandar alguma ajuda para teu sobrinho, aceito de bom grado. Não sou orgulhosa.

— Prefere viver naquele casebre quando poderia ter este palácio?

— Fomos muito felizes naquele casebre, que Artévio construiu com as próprias mãos...

— E como ousa pedir ajuda a mim? – esbravejou o rei, extremamente irritado. — Não vai receber um tostão! Vai apodrecer de tanta miséria naquele casebre. Uma família de pescador sem homem no mar. Essa é boa! Vai viver do quê?

— A associação dos pescadores tem me ajudado. Não faltam amigos leais à memória do teu irmão. Somos pobres, mas somos unidos.

— Está proibida de chegar perto deste palácio. Esqueça que é minha parente! Não quero mais vê-la aqui. Nem você, nem esse menino remelento. E voltem a pé! Meu carro não serve para gente da sua laia.

Senícia voltou para casa andando, com o filho no colo, até conseguir carona de um motorista de caminhão que levava mercadorias para o cais. Apesar de sobrinho do rei, Misrail cresceria à sombra da pobreza e da opressão.

***

Aos nove anos de idade, Misrail começou a trabalhar no barco pesqueiro que tinha o seu nome e no passado pertencera a seu pai. Senícia estava gravemente doente e a ajuda da associação dos pescadores se tornava cada vez mais escassa, com os altos impostos e a crise econômica.

Misrail abraçou com aplicação o ofício do pai e se tornou um bom pescador. Não tinha grandes ambições, senão a de sobreviver e, quem sabe, no futuro, casar-se com Merina, a morena de olhos verdes que mexia com seu coração adolescente.

No dia em que completou quinze anos, ao sair de madrugada rumo ao cais, foi surpreendido por homens encapuzados que o esperavam de tocaia. Foi amordaçado, teve os olhos vendados e as mãos amarradas. Sem dizer uma palavra, forçaram-no a embarcar num velho jipe, que o conduziu até a borda da floresta. Ao descer do carro, foi guiado mata adentro pela corda que atava suas mãos por cerca de dois quilômetros, em absoluto silêncio.

Estremeceu quando cessou a caminhada, no exato momento em que o calor tímido do sol matinal substituiu o ar gelado e úmido da floresta. Com certeza seria executado a sangue frio ali, naquela clareira. Só ouvia o bater acelerado do próprio coração e alguns pássaros que cumpriam sua rotina, alheios aos problemas dos homens. Uma voz rouca quebrou o silêncio:

— Finalmente chegaram! Desculpe convidá-lo dessa forma um tanto violenta, meu caro rapaz, mas estamos aqui para comemorarmos o seu aniversário. Podem tirar a mordaça, companheiros.

Aliviado, Misrail pediu, humildemente:

— Poderiam também soltar minhas mãos e desvendar meus olhos, por favor?

— Primeiro temos que ter certeza da sua lealdade. Caso contrário...

— Me matarão? – arriscou o jovem, com a voz trêmula.

— Jamais! A venda nos olhos serve justamente para não precisarmos fazer isso! Se não quiser se juntar a nós, será levado para casa do mesmo jeito que veio e nunca vai saber quem somos.

— Como posso jurar minha lealdade se nem posso vê-lo?

— Não precisa me ver. Basta me ouvir. Queremos lutar pela libertação do nosso povo. O seu pai nos libertou da Metrópole, mas as coisas só pioraram. O povo continua explorado. Os impostos estão cada vez mais altos. Faltam escolas, hospitais, estradas, saneamento básico... Quando proclamamos a independência, o plano era formar uma assembleia constituinte para decidir quais seriam as regras deste país. Mas o seu tio tomou o poder e ser tornou um tirano. Tudo o que é produzido nesta ilha serve para manter sua vida de luxo, mulheres e bebidas.

— Eu concordo com tudo isso – garantiu Misrail. — Astulfo nunca se importou comigo e nunca ajudou a minha mãe. Não tenho nenhum motivo para defender esse homem.

— Mas pense bem antes de dar a sua palavra, rapaz. Afinal, ele é seu tio. Seria capaz de matar o irmão do seu pai, se fosse necessário?

— Sou capaz de qualquer coisa para ajudar o nosso povo. Juro pela memória do meu pai!

— Podem tirar a venda – autorizou, finalmente, a voz rouca.

Só então Misrail identificou os sequestradores. Eram seus amigos, companheiros de trabalho. Por isso haviam guardado silêncio absoluto até então. Achou ridículo ter passado tanto medo por causa deles. Estranhou o homem de longos cabelos grisalhos, dono da voz rouca. Não se lembrava de tê-lo visto na vila ou na cidade.

— Deixe-me apresentar – disse ele, como a adivinhar seu pensamento. — Sou Melaquir, um velho amigo do seu pai. Vivo escondido na floresta, desde a última vez que tentei comandar uma rebelião. Astulfo conseguiu sufocar todas as revoltas populares. Mas agora vai ser diferente, porque você se tornou um homem e vai salvar nosso povo!

— Mas não entendo nada dessas coisas. Só sei pescar!

— Não se preocupe! Serei o seu conselheiro, assim como fui do seu pai.

— E ele acabou morrendo...

— Morreu lutando, heroicamente, pelo seu povo. Todos nós estamos dispostos a morrer, se preciso for.

— Mas por que eu preciso ser o líder que salvará o povo?

— Porque seu pai fez essa profecia há exatamente quinze anos, no dia em que você nasceu. Por isso você se chama *Misrail*: *o Salvador.*

— Minha mãe nunca me disse isso!

— Deve temer que você tenha o mesmo fim que o seu pai. Mas agora a escolha é sua: quer viver para sempre trabalhando para sustentar a opulência do seu tio?

— De jeito nenhum! Todos dizem que no tempo em que éramos uma colônia era melhor do que agora. A Metrópole nos explorava, mas ao menos mandava médicos, remédios, professoras, material escolar... Agora o povo está completamente abandonado. Na verdade eu queria fazer alguma coisa, mas até a associação dos pescadores o rei mandou fechar. E tem espiões por toda parte. Estamos todos de mãos atadas.

— Então entende por que fui obrigado a usar de violência para trazê-lo para a nossa reunião. Todos que aqui se encontram já passaram por este ritual e fizeram o juramento de lealdade.

— Se essa foi a missão que meu pai me deixou, estou disposto a libertar nosso povo da tirania. Lutarei até a morte – afirmou o jovem Misrail.

***

A essa altura, Misrail levantou-se da cama e interrompeu o filme:

— Aí está a prova de que eu fui um grande herói, assim como meu pai. Não fugi à luta! Não temi a própria morte!

— Até aí, sim. A história da sua infância é comovente. E sua vida pública foi muito bonita, no início. Mas depois... Vamos ao próximo capítulo, para refrescar a sua memória.

— Não vou mais dar ouvidos a essas bobagens. Você é só um pesadelo. Isso tudo não passa de alucinação...

Ele se deitou novamente e se virou para o lado. Mas não resistiu e voltou a olhar para o telão, assim que o filme recomeçou.

***

Com o agravamento do estado de saúde de Senícia, Misrail resolveu não sair para o mar, até que ela melhorasse. Os amigos, solidários, dividiam com ele o produto da pesca, para que pudesse cuidar da mãe. Ela morreu em seus braços numa tarde cinzenta de inverno, deixando-o órfão aos dezoito anos de idade.

Só não se sentiu totalmente sozinho no mundo porque tinha Merina, que correspondia ao seu amor. Preocupada com o abatimento do noivo, ela aceitou o seu pedido e foi morar com ele. Assim que a situação permitisse, oficializariam o casamento. Ele sugeriu que usassem o quarto de Senícia e a autorizou a organizar a casa como quisesse. Ela hesitou. Não seria falta de respeito? De modo algum, ele garantiu. Seus pais com certeza os abençoariam. Desejariam que o novo casal fosse tão feliz quanto eles, no passado. Ele partiu para o mar, deixando-a a arrumar o casebre.

Quando voltou, foi recebido com frieza. Merina parecia tensa e magoada. Após muita insistência para descobrir o que a afligia, ela lhe mostrou uma caixa que encontrara em cima do guarda-roupa.

— Por que mexeu nas minhas coisas? – perguntou, contrariado.

— Não era para eu fazer a mudança do quarto? Organizar tudo como quisesse? Esvaziei os armários e aproveitei para limpar tudo. Aí dei com esta caixa e quis ver o que continha, para poder guardar no lugar certo.

— Não podia ter aberto a caixa!

— Nunca ia imaginar que existisse um segredo entre nós. O que são esses papéis cheios de códigos? Por que não me contou que está participando dessa seita secreta?

— É um movimento secreto, sim, mas não é uma seita. Não posso dizer mais nada.

— Se não confia em mim, vou fazer minha mala. Só não fui antes porque tinha esperança de receber uma boa explicação quando você voltasse.

— Não faça isso, meu amor. No momento certo vai saber de tudo. Eu juro.

— Então, quando chegar esse momento, você saberá onde me encontrar.

— Não me deixe, por favor. Só não posso revelar nada agora pela sua própria segurança.

— Está metido em algo perigoso e não quer me dizer o que é?

— Não posso falar. Estou de mãos atadas. Fiz um juramento.

— Pensei que tinha feito um juramento para mim. Adeus.

— Não vá! Eu confio em você. Vou contar tudo.

Ele se aproximou dela e sussurrou:

— Estou comandando uma rede secreta de rebeldes.

Os olhos verdes se arregalaram:

— Verdade?! Um movimento contra Astulfo?

— Fale baixo, por favor. Se alguém ouvir, estamos mortos!

— Quero ajudar – ela sussurrou, enquanto ele fechava as janelas e a porta.

— É muito perigoso.

— Mas quem disse que sou medrosa? Meu pai foi assassinado quando participou de um motim, há mais de dez anos. Minha mãe caiu em depressão. Só não morremos de fome porque minhas irmãs e eu aprendemos a fazer os artesanato com pele de peixe. Eu sempre quis lutar contra Astulfo, mas não sabia como.

— Prometo pensar no assunto...

— Pensar não. Quero fazer logo o juramento e começar a trabalhar desde já!

***

Merina foi levada de olhos vendados à floresta e prestou juramento a Melaquir, como Misrail fizera três anos antes. Imediatamente foi informada da sua primeira missão.

— Precisamos pôr alguém dentro do palácio com urgência – explicou Melaquir. — Você vai trabalhar lá como cozinheira e tentar se aproximar do rei.

— Não sei se ela vai conseguir – retrucou Misrail. — Astulfo matou o pai dela...

— Não queira protegê-la – interrompeu Melaquir. — Ela prestou o juramento e vai lutar como todos os outros. É só ter sangue frio, agir normalmente e ficar de olhos e ouvidos atentos. Descobrir se eles desconfiam de alguma coisa sobre o nosso movimento e trazer o máximo de informações sobre a rotina do palácio. Só assim poderemos programar nossa estratégia.

— Eu quero fazer isso – afirmou Merina, com firmeza. — O problema é que é muito difícil conseguir esse emprego. As melhores cozinheiras da ilha vivem pedindo para trabalhar lá...

— Já pensei em tudo – cortou Melaquir. — Faça amizade com uma senhora chamada Sindara e aprenda a cozinhar com ela.

— Merina já cozinha muito bem – interveio Misrail. — Aprendeu vários pratos com a minha mãe...

— Mas a D. Sindara trabalhou muitos anos no palácio – interrompeu Melaquir. — Ela conhece os gostos do rei. Descubra como preparar o prato preferido do Astulfo. O resto, deixe comigo.

Melaquir sabia que em breve haveria um jantar importante no palácio para convidados de vários países. Foi visitar uma velha amiga que também vivia na floresta, conhecida por alguns como bruxa e, por outros, como curandeira. Conseguiu uma poção que deixasse as pessoas adoentadas por alguns dias, sem lhes comprometer a saúde.

Merina foi ao palácio para pedir emprego, dois dias antes do jantar. Enquanto esperava para ser recebida pela cozinheira-chefe, pediu licença para se servir de um copo d' água e conseguiu misturar a poção à jarra de café das cozinheiras. Na mesma noite a maioria delas começou a sentir fortes dores abdominais.

Na manhã seguinte, enquanto as cozinheiras do palácio disputavam o banheiro, correu o boato de que um navio trouxera uma epidemia para a ilha e que todos os que apresentassem vômitos e diarreia deveriam ficar em quarentena.

Desesperada, a cozinheira-chefe procurou Fastor, o mordomo, para dizer que o jantar teria que ser cancelado. Nem pensar, foi a resposta. Ela teria que dar um jeito. Àquela altura os hóspedes importantes começavam a chegar. A notícia da epidemia já estava abafada. Ela que se virasse para servir o jantar. No mesmo dia, Merina voltou ao palácio.

— Soube que haverá um jantar importante e algumas cozinheiras estão doentes – disse à cozinheira-chefe. — Por isso achei que talvez pudesse me dar uma vaga de trabalho, ao menos por alguns dias...

— Como soube disso? É assunto só do palácio!

— Ouvi falar por aí.

— Sabe preparar linguado com ervas?

— É minha especialidade. Por quê?

— Que feliz coincidência! É o prato preferido do imperador. Pode preparar para o almoço de hoje. Se Sua Majestade aprovar, o trabalho é seu. Mas só enquanto as meninas estão doentes!

— Claro! Não quero tomar o emprego de ninguém. Só quero essa chance para ganhar uns trocados e ficar na fila de espera. Meu sonho é trabalhar nesta cozinha!

— Ih! Pode esquecer! Não faz ideia de como essa fila é imensa! Temos cozinheiras para o resto da vida...

— Mas acredito no meu trabalho. Sempre há uma chance. O rei pode aprovar o meu tempero e...

— Então capriche ao máximo. Se for tão boa como diz, farei uma indicação para que ocupe a próxima vaga.

Merina preparou o prato de linguado regado a vinho com ervas e o guarneceu com lâminas de batatas douradas, como D. Sindara havia ensinado. Arriscou-se a acrescentar um toque especial: os deliciosos croquetes de espinafre que aprendera com a falecida sogra. Senícia sempre comentava o quanto o quitute agradava Artévio, pois lhe trazia boas lembranças da infância. Esperta, imaginou que o irmão também o apreciaria.

O prato foi levado para o rei. Em suspense, Merina permaneceu na copa que separava a cozinha do salão, aguardando o veredicto. Tentava ouvir alguma coisa quando, de repente, Astulfo esbravejou:

— O que é isso?

Seu coração disparou. Teria feito alguma coisa errada? Voltou para a cozinha em seguida, ao perceber a aproximação do mordomo e do copeiro. Ofegante, o pobre rapaz tentava relatar o ocorrido:

— Sua Majestade perguntou quem preparou o almoço e eu disse que foi uma cozinheira nova. Ele quis saber o nome dela e eu respondi que era uma temporária. Foi aí que ele gritou comigo: *O que é isso?* Olhou para mim com um ar furioso, assustador. Pensei que fosse me matar. Depois continuou, um pouco mais calmo: *Eu é que decido se é temporária ou não. Quero saber o nome dessa cozinheira!*

— Cometeu um grande erro – explicou Fastor, enquanto Merina se esforçava para ouvir a conversa da cozinha. — Quando Sua Majestade pergunta alguma coisa, só admite respostas diretas. Nada de opiniões. Como pôde questionar a relevância da

pergunta? Devia ter imediatamente se desculpado por desconhecer o nome da cozinheira e dizer que o informaria imediatamente. Aliás, é o que vou fazer agora.

Merina voltou para perto do fogão.

— Como é o nome da moça que fez o almoço?

— Merina – respondeu a cozinheira-chefe.

O mordomo se retirou e voltou logo em seguida.

— Sua Majestade quer conhecer a nova cozinheira. Prepare-a para se apresentar ao rei.

A chefe parabenizou Merina, deu-lhe um avental limpo e lhe passou breves instruções de como se comportar na presença de Sua Majestade. Com as pernas trêmulas, a moça dirigiu-se ao salão. Encontrou Astulfo satisfeito, a tragar um charuto cujo preço poderia alimentar algumas famílias, por um bom tempo. Ele foi direto ao assunto:

— Você cozinha muito bem! O emprego é seu, mesmo quando as outras cozinheiras voltarem ao trabalho. Quero que as ensine a cozinhar e assuma o comando da cozinha.

Diante da expressão incrédula da moça, ele reiterou:

— A partir de agora você será a nova cozinheira-chefe.

Merina tremia, sem saber se era maior o ódio daquele homem que havia tirado a vida do seu pai, a esperança de conseguir derrubá-lo, o orgulho pelo sucesso da sua primeira missão ou o medo de ser pega. Naquele instante preponderava o último sentimento. Apavorada, mal conseguiu gaguejar:

— Mas eu não queria tirar o cargo da...

— Você não tirou. Não tem o poder de tirar o cargo de ninguém. Eu tirei! Só eu dou e só eu tiro. E não se fala mais nisso.

Ela mal podia esperar para contar tudo a Misrail. Para sua decepção, ele pareceu-lhe preocupado quando soube do ocorrido.

— Qual foi a reação da cozinheira-chefe ao perder o cargo?

— Eu não sei se ela já foi comunicada. O mordomo disse que amanhã começarei a ser treinada para o novo posto.

— Provavelmente ela mesma terá que fazer o treinamento. Isso me preocupa.

— Mas eu vou dizer a ela que isso foi contra a minha vontade.

— Ainda assim, é uma situação muito humilhante para ela. Tenha cuidado. Poderá cair em alguma armadilha...

— O que ela poderia fazer?

— Muita coisa. Basta dar uma dica errada, sabotar alguma comida, plantar uma falsa prova para te incriminar, criar alguma intriga...

— Não acredito! Ela parece tão boazinha e tão simples. Nem pensaria numa coisa dessas.

— Você não sabe do que é capaz um orgulho ferido. Vou ter que comunicar o fato ao Melaquir. Volto logo.

— Precisa ser agora?

— Você criou um ponto de vulnerabilidade. É urgente que ele saiba disso.

— Mas eu apenas caprichei no prato...

— Além de ser linda. Com certeza muito mais atraente do que a velha cozinheira-chefe...

— E o que tem isso a ver com o problema?

Ele sorriu da sua inocência, deu-lhe um beijo e saiu rapidamente.

No dia seguinte, ao chegar ao palácio, Merina não encontrou a cozinheira-chefe. Ela havia desaparecido misteriosamente. Desconfiou que Melaquir tivesse alguma coisa a ver com isso. Ficou aterrorizada ao pensar que Misrail pudesse estar envolvido. Não. Ele tinha bom coração. Seria incapaz de fazer algum mal a uma senhora indefesa, apenas para tirá-la do caminho. Resolveu não tocar no assunto com ele.

Apesar do constrangimento que a situação criaria, sentiu não poder agradecê-la pela oportunidade de emprego e tampouco aprender com ela a rotina do posto. Mas era esperta e assimilou logo as novas funções.

Ficou claro para Merina que as colegas de trabalho, já recuperadas do desarranjo digestivo, não receberam bem a ideia de serem comandadas por uma novata. Muitas se sentiam mais habilitadas para assumir a chefia da cozinha. Sua beleza também não ajudava. Todas a invejavam por isso. Resolveu ficar atenta para não cair em nenhuma armadilha e fazer de tudo para conquistar-lhes a simpatia.

Procurou propiciar um ambiente organizado e tranquilo para a equipe. Compartilhou com as subalternas todos os seus segredos de cozinha e aprendeu, com humildade, tudo o que elas tinham a lhe ensinar. O jantar foi um sucesso. Os elogios do mordomo acalmaram os ânimos na cozinha.

***

Depois de duas semanas, Misrail informou a Merina que Melaquir avaliou a situação e a considerou estabilizada no emprego. Era hora de começar a agir.

— Mas eu mal consegui me acostumar com o trabalho...

— Já teve tempo suficiente, meu bem. Agora precisa começar a ouvir tudo o que puder das conversas de Astulfo.

— Como vou fazer isso? Eu vivo dentro da cozinha e ele nunca entra lá!

— Aproveite todas as oportunidades que surgirem. Quando ele estiver em reunião, por exemplo, vá você mesma servir o chá. Entre devagar, para dar tempo de ouvir o máximo antes que detectem sua presença.

— Mas é o copeiro que leva o chá.

— Com certeza o rei apreciará mais a tua presença do que a do copeiro. Arrume uma desculpa para servir o chá você mesma.

Merina passou horas acordada, enquanto a vila toda dormia. Quando o primeiro galo começou a cantar, ela já tinha um plano. Foi até a cozinha e preparou os velhos biscoitos de polvilho que aprendera com a avó.

Naquela tarde, quando chegou a hora do chá, preparou uma bandeja com os biscoitos de polvilho e disse ao copeiro que ela mesma serviria, para ver se o rei aprovava a nova receita.

Aproximou-se da biblioteca, cuja porta estava entreaberta. Percebeu que o rei conversava com o chefe de segurança do palácio. Não podia perder a oportunidade de descobrir se desconfiavam do movimento rebelde. Ficou parada atrás da porta, tentando ouvir o que diziam. Seu coração batia tão forte que nem percebeu quando Fastor se aproximou.

— O que pensa que está fazendo, mocinha?

Com o susto, ela deixou cair a bandeja e começou a chorar, enquanto juntava os biscoitos esparramados sobre o tapete, tentando encontrar alguma resposta.

— Estava escutando a conversa? – insistiu o mordomo.

Ela ficou muda. Não conseguia pensar numa justificativa. Ele a pressionou ainda mais:

— Sabe qual é a pena para espionagem?

Ela ia dizer que não, quando ele fez o gesto imitando uma faca passando pelo pescoço.

— Eu não sou espiã! Juro!

— Então o que fazia parada atrás da porta?

Com alívio, ela encontrou a resposta:

— Eu só estava tentando lembrar se pinguei as cinco gotas de limão no chá de Sua Majestade.

— Vai ter que explicar isso melhor. Vou...

Ao perceber que o mordomo interrompeu a fala, Merina enxugou as lágrimas e percebeu os luxuosos sapatos do imperador à sua frente. Começou a tremer ainda mais. Para sua surpresa, Astulfo lhe estendeu a mão e a ajudou a se levantar.

— Não sabe como tratar uma mulher, Fastor?!

— Mas Majestade! Ela o estava espionando...

— Essa mocinha?!

Merina olhou para o rei com o olhar mais doce que pôde simular.

— Não tem vergonha de fazer uma moça chorar, Fastor?

— Minha missão é zelar pelo bom comportamento dos empregados, Majestade.

— A pobrezinha estava preocupada com as gotas de limão do meu chá! Nunca vi alguém se importar tanto com o meu bem-estar. A partir de agora só ela serve meu chá.

Contrariado, Fastor se retirou enquanto Astulfo passava a mão na cabeça de Merina, que se abaixava para voltar a recolher os biscoitos.

— Pode deixar, meu bem. Fastor vai mandar um faxineiro cuidar disso. Vá descansar um pouco. Deve estar exausta, depois de toda essa agressão.

No dia seguinte, Merina voltou a servir o chá no mesmo horário, devidamente acrescido das cinco gotas de limão. Desta vez o rei estava sozinho na biblioteca, trajando roupas caseiras e lendo o jornal diante da lareira. Ela pôs a bandeja na mesa ao lado de sua poltrona e, quando ia se afastar, foi detida pelo braço. Ele a segurou e a puxou para o seu colo.

Ela o fitou com ar de susto, tentando disfarçar a repulsa.

— Não tenha medo, meu bem. Poderei transformá-la na rainha deste palácio.

— Fico lisonjeada, mas conheço meu lugar, Vossa Majestade. Suplico que me deixe voltar para o meu trabalho.

Ela tentou se levantar, mas ele a segurou com uma das mãos enquanto a acariciava com a outra. Incomodou-a a sensação de prazer que aquela mão macia e perfumada lhe causava ao passear pelo rosto, pescoço, ombro e braço. Estava acostumada com a mão grossa e calejada de Misrail. Por uma fração de segundo, pensou que poderia ser seduzida pelo rei. Mas logo recobrou a razão. Aquele homem era o assassino do seu pai e o opressor do seu povo. Voltou a sentir ojeriza, mas precisava disfarçar. Foi salva pelo som de um pigarro de Fastor, que se aproximava da biblioteca. Pulou do colo do rei. Quando o mordomo entrou, encontrou-a já recomposta e o rei a sorver o chá.

Naquela noite, expôs para Misrail o seu plano. Sentia ter a vida de Astulfo em suas mãos. Ninguém a fiscalizava. Ninguém provava previamente o que ela servia ao rei. Seria muito fácil envenená-lo. A curandeira da floresta devia conhecer venenos que não deixassem vestígios.

Misrail explicou que o caso não era de vingança. Precisavam derrubar o regime e não só a pessoa do rei. Astulfo tinha um filho reconhecido como herdeiro que estudava no continente. Assim que o pai morresse, ele voltaria para subir ao trono. Seria tão tirano quanto o pai, ou até mesmo pior.

Ela então resolveu informá-lo de que o imperador a tentava seduzir, esperando que, diante disso, Misrail resolvesse matá-lo com as próprias mãos. Surpreendeu-se com a resposta:

— Isso nos trará uma enorme vantagem! Não foi à toa que foi escolhida por Melaquir. Astulfo não resistiria à sua beleza!

— Quer que eu me entregue a ele?

— Não precisa chegar a esse ponto. Mas cuide para que ele não perca a esperança. Faça um jogo. Vocês mulheres sabem como manter um homem na palma da mão.

— Eu não sei fazer jogo! Nunca agi assim. Sempre fui sincera quanto aos meus sentimentos!

— Mas fez um juramento que coloca a nossa causa acima dos sentimentos pessoais. Se o imperador a quiser em sua cama, terá que conviver com isso.

— E você vai aceitar essa situação?

— Tentei evitar que você fosse designada para essa missão, não lembra? Mas você insistiu em aceitar e Melaquir disse que eu não podia protegê-la. A revolução está acima de tudo. Se isso servir para libertar o nosso povo da tirania, que assim seja. Saberei que não estará me traindo. Estará apenas representando, como num teatro.

Não estou bem certa disso, respondeu ela em pensamento, lembrando-se do quanto se sentira atraída fisicamente por Astulfo, embora contra a própria vontade. Resolveu que tentaria embromá-lo ao máximo para não ter que se entregar para o assassino do seu pai.

***

Chegou o grande dia. Todos os integrantes da rede de rebeldes foram convocados para uma reunião na casa de Melaquir. Somente os pássaros da floresta testemunhariam o projeto de proclamação da República Democrática de Belezer!

Melaquir começou a reunião elogiando o importante papel de Merina. Graças a ela podiam traçar um plano com segurança. Ela conhecia cada meandro do palácio e também da cabeça do tirano. Sabia que o rei não desconfiava da existência do movimento rebelde.

— E como podemos ter certeza absoluta da lealdade dela? – questionou um dos rebeldes, que tinha seus próprios informantes e sabia que o rei havia prometido casamento a Merina.

— Temos que confiar na sua palavra – respondeu Melaquir. — Se não pudermos confiar no juramento que cada um de nós fez aqui neste mesmo lugar, será o fim do nosso movimento. Alguém tem alguma dúvida?

Diante do silêncio, Melaquir pediu que Misrail descrevesse o plano.

— Vamos agir no dia do aniversário do rei, quando todos os bajuladores serão convidados para o jantar. A sobremesa terá um ingrediente especial, feito pela curandeira da floresta, que vai fazer com que todos caiam no sono por algumas horas. Aí entraremos em ação. Eles vão acordar presos na masmorra.

— E como vamos passar pelos guardas? – questionou alguém.

— As cozinheiras vão servir a sobremesa para eles também, como cortesia pelo aniversário do rei. E para os que não comerem, vamos propor que se unam a nós. Já fizemos algumas sondagens e parece que muitos deles estão insatisfeitos com as más condições e os maus tratos que recebem do imperador. Ele não passa de um bêbado grosseiro, que não respeita ninguém. Isso nos ajuda. Mas se houver resistência, estaremos preparados para a luta.

— O plano parece seguro – comentou Melaquir. — Acredito que teremos poucas baixas e conseguiremos derrubar o regime. Feito isso, teremos um governo interino até

a instalação da constituinte e a convocação das eleições. Eu proponho que Misrail assuma esse governo. Alguém se opõe?

Todos concordaram com a escolha de Misrail, predestinado a salvar o povo, como rezava a lenda.

***

Caía a noite e apagavam-se as luzes. O povo já havia se recolhido, apesar do calor. No dia seguinte, o trabalho começaria cedo, como sempre. Distinguia-se, do céu escuro sem lua, somente o palácio real, todo iluminado para a festa.

O jantar seria só para os nobres. O povo devia se contentar com as migalhas já recebidas naquele dia de feriado: desfiles, discursos, distribuição de doces e de brindes para as crianças.

O clima abafado aumentava o sofrimento dos guardas, já castigados a tarde toda em seus uniformes de gala. Merina enviou algumas cozinheiras para lhes distribuírem sorvete, assim que foi servida a sobremesa aos convidados. Aparentemente havia errado nos cálculos, pois sobrara muito sorvete. Era o que se comentava.

Vários guardas resistiram à tentação e recusaram a gentileza, pois estavam em serviço. As cozinheiras insistiram. Deviam aproveitar! Era cortesia, pelo aniversário do rei! Ainda assim, alguns não conseguiram quebrar o protocolo e permaneceram imóveis, atentos à segurança do palácio. Lá dentro já pairava o silêncio. O sorvete fazia efeito...

Não foi difícil render os poucos guardas ainda acordados e leais a Astulfo. Passou-se à etapa seguinte, de levar o rei e seus convidados para a masmorra. O salão parecia um campo de batalha com corpos estirados por todos os lados, ao som de uma sinfonia de roncos. Alguns ainda estavam sentados à mesa, com a cabeça enterrada sobre os pratos com tortas e sorvete derretido. Os mais gordos precisaram ser carregados por duas ou mais pessoas.

Enquanto os companheiros cuidavam disso, Misrail procurava Astulfo, que misteriosamente não se encontrava no salão. Teria descoberto o plano e fugido? Teria preparado alguma emboscada? Com cautela, revistou cada cômodo do palácio. Acabou encontrando-o na cama, nos braços da mulher de um dos convivas. Ela saiu correndo, apavorada por ter sido pega em adultério.

Tio e sobrinho entraram em luta corporal, o primeiro com a vantagem da técnica e, o segundo, com a força da juventude. Como o tio estava desarmado, Misrail não usaria a pistola que trazia no bolso. Mas Astulfo conseguiu arrancá-la e tentou atirar à queima-roupa no sobrinho. Seguiu-se uma quebra de braço na qual ora a arma pendia na

direção de um, ora de outro. No salão também se travou uma batalha, com a chegada de uma facção do exército leal ao monarca.

— O rei está morto! – anunciou Misrail, do alto da escadaria, pondo fim ao confronto. — Assim como meu pai proclamou a independência deste país, eu proclamo a República de Belezer! Quem não se entregar agora, irá para a masmorra.

A maioria dos soldados se rendeu. Os demais foram capitulados e levados para a masmorra, até que reconhecessem o novo regime, sob pena de serem exilados. Essas mesmas alternativas eram oferecidas aos nobres, à medida que despertavam do sono forçado.

Os revolucionários se instalaram nos quartos do palácio para o merecido descanso. Muito trabalho os aguardava para o dia seguinte.

Capítulo III – A República

A brisa da manhã parecia trazer novos ares, novas esperanças para a ilha de Belezer. Correu de boca em boca a notícia da proclamação da república. Artévio havia libertado o povo da Metrópole. Misrail, seu único filho, vinte anos depois, libertou o povo da tirania de Astulfo. Nascia um novo país, uma nova democracia.

Todas as comunidades e associações foram convocadas para enviarem representantes para a assembleia constituinte. Misrail ficou contrariado quando percebeu que os homens da antiga nobreza que se curvaram ao novo regime também foram convidados.

— Mas democracia é assim, Misrail – esclareceu Melaquir. — Temos que dialogar com representantes de todos os setores da sociedade.

— E se eles resolverem restabelecer a monarquia?

— Se essa for a vontade da maioria do povo, que assim se faça. É um risco que precisamos correr. O mal não é a monarquia. O mal é o absolutismo. Nada impede que haja uma monarquia constitucional. O povo é que escolhe.

— Está bem. Então que se faça a vontade do povo.

— Ainda que os antigos nobres proponham a monarquia, acredito que não terão votos suficientes. A ideia de que todos poderão votar e ser eleitos entusiasmou a população. Não vão querer abrir mão dessa conquista.

A previsão de Melaquir se confirmou, consolidando-se, por maioria maciça, a República de Belezer. O esboço da constituição redigido por uma comissão por ele liderada também foi aprovado pela grande maioria, com poucas emendas.

Iniciou-se a campanha eleitoral, com a criação de dois partidos políticos: o Partido dos Conservadores e o Partido Libertador, este presidido por Misrail.

Por onde passava, ele era aclamado pelo povo. Todos queriam tocar em suas vestes, como se fosse um santo milagroso. Era considerado o salvador da pátria, o libertador, como seu pai havia profetizado. Tinha como certa a vitória nas eleições. Não acreditou no resultado das pesquisas relatado por Melaquir:

— Ainda temos a maioria para presidente, graças ao seu carisma pessoal. Mas os companheiros que concorrem para o Parlamento estão perdendo cada vez mais terreno.

— Como pode ser? O povo tem nos demonstrado total apoio!

— Os Conservadores estão jogando sujo! Aproveitam seus recursos financeiros para comprar votos com promessas baratas. Além disso, andam assustando o povo, dizendo que só pessoas estudadas e experientes como eles saberão governar e representar o país lá fora. Dizem que se o nosso partido vencer as eleições, Belezer perderá o apoio dos países vizinhos. Precisamos intensificar nossa campanha, antes que seja tarde.

Misrail foi visitar as vilas de pescadores e lavradores, para conscientizar o povo sobre a importância do voto e desmentir as falácias do partido adversário. Era bem recebido, mas sentia que o povo começava a ficar dividido. Brigas entre vizinhos e colegas de trabalho se travavam por causa da primeira campanha eleitoral de Belezer.

***

Graças ao seu carisma e ao sentimento de gratidão do povo, Misrail foi eleito presidente. Mas o Partido dos Conservadores conseguiu a maioria das cadeiras no Parlamento, o que certamente dificultaria o seu governo.

A festa da posse do primeiro presidente de Belezer contou com a presença de chefes de Estado, delegações diplomáticas e jornalistas do mundo todo. Misrail, o menino órfão, pobre e de poucos estudos, tornou-se o símbolo da vitória do povo sobre a opressão, o estandarte vivo da democracia. Foi aclamado pela multidão nas ruas e cumprimentado com todas as honrarias por representantes dos mais longínquos países.

Cessadas as comemorações, teve início a realidade. Na primeira manhã de seu governo, sentado à escrivaninha antes ocupada pelo tio, não sabia ao certo o que fazer ali. Sentiu o peso da responsabilidade. Todas as decisões importantes do país seriam tomadas por ele. Chegou a se perguntar se os adversários não teriam razão sobre a sua falta de qualificação para dirigir Belezer.

Preciso começar a enfrentar isso, pensou, olhando para a pilha de papéis a serem analisados e assinados. Muitos deles eram projetos de lei esboçados por Melaquir, seu conselheiro e chefe de gabinete. Eram textos complicados, de difícil leitura. Só conseguiu assiná-los quando Melaquir chegou e lhe explicou didaticamente o conteúdo de cada documento.

— A parte mais difícil vem agora – anunciou, com voz grave. — Temos a difícil missão de convencer os parlamentares a aprovarem nossos projetos. Infelizmente a oposição tem a maioria.

— Vamos chamar alguns representantes deles para uma conversa – propôs Misrail. — Como você mesmo me ensinou, o diálogo com a oposição faz parte da democracia.

— Sugiro que chame só o presidente do partido – respondeu Melaquir. — Talvez seja mais produtiva essa primeira aproximação só entre os dois. Enquanto isso, nosso líder no Parlamento vai se articulando, tentando adesões às nossas ideias.

Assim se fez. Misrail convidou o Sr. Pláucio para um almoço no palácio. Era um fidalgo, de família tradicional, ligado à antiga Metrópole e à nobreza, no tempo da monarquia. Apesar disso, conquistou a confiança de Misrail, pois tinha ótima retórica.

— Agradeço a gentileza do seu convite – disse ele. — É de extrema importância este diálogo. Precisamos unir forças para fazer crescer este país. Seu governo pode contar comigo. Tenho muita experiência. Sou muito viajado. Falo várias línguas e conheço os diplomatas do mundo todo. Posso acompanhá-lo nas suas viagens oficiais.

— Não tenho nenhuma viagem programada ainda, mas agradeço.

— Isso é um erro! Precisa marcar presença no mundo todo. Estabelecer relações diplomáticas. Conseguir parceiros comerciais. Consolidar a nova República de Belezer no cenário mundial. Deixe os assuntos internos com o seu chefe de gabinete e com o vice-presidente. Você é o chefe de Estado! E precisa de um bom ministro de relações exteriores. Aliás, ia propor fazermos uma aliança nesse sentido. Vocês nos dão alguns ministérios e nós apoiamos os seus projetos de lei...

Misrail sentiu-se confuso diante de tantas informações, mas prometeu pensar no assunto. Alguns dias depois foi aconselhado por Melaquir a aceitar a proposta de acordo da oposição:

— É a única saída. Sem essa aliança, nenhum projeto nosso vai ser aprovado. Esgotamos as negociações. Acho que o Sr. Pláucio pode ajudar mesmo nas relações internacionais. Podemos também dar o Ministério da Educação para a filha dele, D. Entrácia, que é professora e doutora nessa área. E o Ministério da Saúde para o Dr. Mauris, primo dele, que é médico aposentado. Acredito que, dando-lhes essas três pastas, conseguiremos a aliança com os parlamentares.

— Mas esse tipo de acordo não seria uma traição ao povo que me elegeu?

— Não podemos esquecer que esse mesmo povo elegeu o partido adversário para a maioria parlamentar.

— Elegeu iludido por promessas, por uma campanha suja.

— Mas, bem ou mal, essa foi a escolha do povo. Só nos resta respeitá-la. Vou preparar-lhe um discurso explicando essa decisão. Entenderão que isso foi escolha deles e que assim é a democracia.

Misrail passou a noite tentando decorar o discurso, pois tinha dificuldade com leitura. Suas habilidades eram pescar e enfrentar o mar bravio. Explicou a Melaquir que preferia falar com suas próprias palavras.

— Isso não dará certo! Um presidente não pode falar de improviso. Cada palavra poderá ser mal interpretada. Tudo precisa ser avaliado previamente pela equipe do governo. Você precisa se acostumar a ler o discurso em público, já que não consegue decorar.

Diante da resistência do presidente, Melaquir resolveu substituir o discurso na praça pública por um pronunciamento no rádio e na TV.

— Não adianta nada – insistiu Misrail. — Vou ter dificuldade para ler do mesmo jeito.

— O problema está resolvido – explicou Melaquir. — O Sr. Pláucio importou uma máquina, chamada *teleprompter*. O texto vai passar bem devagar na sua frente, com letras bem grandes. Até uma criancinha de escola conseguiria ler.

Após algum treino, Misrail conseguiu superar as dificuldades para proferir o discurso. No final, porém, não resistiu e acrescentou algumas palavras espontâneas, para contrariedade de toda a equipe. Foi seriamente censurado por isso. Passou a compreender que, como presidente, tinha menos liberdade do que quando era empregado e trabalhava no barco pesqueiro.

Alguns dias depois, Pláucio lhe apresentou a programação de viagens para o exterior.

— Agendei vários compromissos externos. Hoje vem um alfaiate tirar as medidas para os ternos novos...

— Tudo isso vai ter que esperar – retrucou Misrail. — Primeiro vou me casar com Merina. Este casamento está marcado há muito tempo e já foi adiado muitas vezes. Ela virá morar no palácio e fará parte da nossa comitiva em todas as viagens.

— Nem pensar, Senhor Presidente! Sua namorada é uma cozinheira! Não tem nenhuma classe! Não tem preparo para ser a primeira-dama!

— Mas eu cresci na mesma vila que ela. Sou um pescador...

— Por isso mesmo precisa de uma mulher fina, culta, com boas maneiras, para compensar a sua rudeza. Homem tosco é perdoável. Mas mulher...

— Desculpe, mas isso não está em discussão. Não vou romper com minha noiva.

— Quem falou em romper? Pode continuar o seu romance com ela. Mas precisamos escolher uma primeira-dama à altura de Belezer. Tenho uma lista de candidatas para te apresentar durante nossa viagem.

— Isso está fora de cogitação – reiterou Misrail. — Jamais trairei Merina. Ela lutou ao meu lado e é ao lado dela que vou viver para sempre.

Pláucio balançou a cabeça e desviou o assunto. Cuidaria disso no momento oportuno. Providenciaria um time de bajuladores para rodear o presidente e despertar-lhe a vaidade. Mostraria a ele um mundo de luxo, riqueza, mulheres bonitas e elegantes. Ele certamente se deslumbraria diante daquele novo cenário. Em pouco tempo esqueceria o passado simples, os amigos pobres e a namoradinha da vila. Tudo o que precisava fazer era convencê-lo a adiar por um tempo o casamento.

— Tem razão, Senhor Presidente. Não podemos interferir na sua vida pessoal desse jeito. Só lhe peço uma coisa: adie o casamento por alguns meses. Não podemos cancelar os compromissos no exterior. Seria falta de consideração. Vários monarcas, primeiros ministros e presidentes já adequaram suas agendas à nossa. Com uma leviandade dessas, colocaríamos em risco as relações internacionais de Belezer. O seu cargo impõe sacrifícios. Com certeza sua noiva compreenderá...

Misrail acabou adiando o casamento. No dia em que deveria estar trocando alianças com Merina, inaugurava o avião de luxo encomendado por Pláucio, para a comitiva presidencial. Ao pisar naquela aeronave, não sabia que entrava num mundo novo e dava as costas a antigos valores, velhas amizades e ao amor que cultivara desde a adolescência.

***

Já durante o voo, o primeiro de sua vida, Misrail recebeu várias lições de Pláucio. Aprendeu desde boas maneiras à mesa até algumas frases básicas em outros idiomas. O requinte do ambiente o fascinou, assim como o conforto da aeronave.

Era a primeira vez que agiria sem as orientações de Melaquir, mas a presença de Pláucio lhe transmitia segurança. Depois de algumas horas em sua companhia, pareceu-lhe que o antigo conselheiro, na verdade, era um homem tosco, retrógrado, incapaz de ajudá-lo a exercer o novo papel.

Depois do jantar, Misrail apreciou um pouco a visão das nuvens sob o luar e foi se recolher na suíte presidencial do avião. Sentia-se cansado com tantas novidades, tantas informações a serem assimiladas. O dia seguinte seria movimentado. Teria que se adaptar ao fuso horário do outro lado do mundo, conhecer muita gente nova, tomar decisões importantes e se comportar adequadamente.

Para seu alívio, a agenda teve um início relaxante. No primeiro país visitado, foi oferecido à comitiva presidencial uma excursão ao longo da costa num iate de luxo.

Misrail sentiu-se familiarizado com o balançar da embarcação e o cheiro da maresia. Apreciou também a refeição de frutos do mar. Após o almoço, deitou-se para descansar por algumas horas.

Apesar de todo o luxo que o cercava, sentiu saudade da infância, da vila dos pescadores e de Merina. Mas o banzo durou pouco. Depois de um bom sono e de um banho revigorante, estava pronto para voltar a explorar o mundo novo que a vida lhe oferecia.

Enquanto aguardava o jantar e admirava a lua cheia no convés, ouviu o cantar de uma voz feminina. Magnetizado pela suavidade da canção, caminhou ao seu encontro, até o bar próximo à piscina. Deparou-se com a silhueta da cantora, em pé, próxima ao pianista que a acompanhava. O ambiente era pouco iluminado, mas o luar que atravessava as paredes envidraçadas revelava o rosto de traços finos, emoldurado por cachos dourados. Alta, magra, delicada, era totalmente diferente de Merina.

Misrail lembrou-se dos cabelos longos de sua morena, da sua boca carnuda, dos pés descalços e das curvas sensuais realçadas pelos vestidos simples que usava. Voltou a sentir saudade. Mas a cantora lhe despertava fascínio e curiosidade. Não conseguia tirar os olhos dela. Percebeu que Pláucio o observava, satisfeito, bebericando alguma coisa no outro lado do bar. A jovem também mostrou ter captado o seu interesse, dirigindo-lhe uma provocante piscadela. Quando cessou a música, Pláucio os apresentou.

Mégany, a cantora estrangeira, era filha de um diplomata e por isso conhecia vários idiomas, inclusive o da antiga Metrópole de Belezer. Ao ouvi-la falar na sua língua, com um leve sotaque que tornava a voz ainda mais atraente, Misrail desconfiou que a sua presença naquele passeio havia sido arquitetada por Pláucio. Percebeu a intenção do ministro, de fazê-lo esquecer-se de Merina. Decidiu não se deixar cair na armadilha. Mas não seria fácil resistir aos encantos daquela linda mulher.

O comandante convidou o grupo para um aperitivo ao ar livre. Quando se dirigiam à mesa, Misrail não pôde deixar de notar que o vestido da cantora era do tipo frente única. As costas suavemente bronzeadas contrastavam com a renda branca que se estendia até os pés, dando-lhe um contorno de sereia. Sentiu uma vontade irresistível de passar a mão sobre aquela pele nua e macia, mas se conteve. Apenas a tocou suavemente, a pretexto de conduzir a conviva à sua cadeira, como um cavalheiro. Cada gesto era calculado, de acordo com as lições que recebera. Mais tarde teria oportunidade de segurar aquelas costas com firmeza, no baile já anunciado, em sua homenagem. Agradeceu por ter tomado algumas aulas de dança de salão, por insistência de Pláucio. Percebia que tudo aquilo fora cuidadosamente planejado, mas não conseguia resistir à aventura.

No dia seguinte, convidou Mégany para um mergulho no mar. Ela recusou, pois não sabia nadar e tinha medo dos peixes. Mas ele a convenceu de que seria uma

experiência inesquecível e se responsabilizou por sua segurança. Ela acompanhou-o ao trampolim e se deixou jogar ao mar. Assustou-se ao sentir a profundidade do mergulho e, assim que conseguiu voltar à superfície e respirar, agarrou-se ao corpo jovem e musculoso do seu protetor. Ele não resistiu à proximidade e a beijou. Beijava a futura primeira-dama de Belezer.

***

A união entre um presidente de origem humilde e uma bela cantora internacional se tornou uma espécie de conto de fadas. O casamento atraiu jornalistas e convidados célebres do mundo todo.

Somente na vila de pescadores não se comemorava o evento. Os velhos amigos de Misrail se sentiam abandonados, pois nem mesmo foram convidados para a cerimônia. Sentiam-se solidários a Merina, que mergulhara em depressão profunda. O noivo não tivera sequer a decência de romper o compromisso pessoalmente. Mandou um mensageiro entregar-lhe uma carta, que nunca foi respondida.

Quando terminaram os festejos, o novo casal partiu em viagem de núpcias. Já no retorno anunciaram a novidade: um herdeiro a caminho. Só então Misrail começou a conhecer a verdadeira Mégany.

No começo, achou que o mau gênio se devia aos enjoos matinais. Depois viria a saber que aquele era o seu humor habitual. Cada dia a esposa implicava com alguma coisa, desde a barba do marido até o clima da cidade.

— Esta ilha é um atraso! Não tem nada para se fazer aqui! Que tédio morar neste lugar!

— Mas quando conheceu Belezer você ficou encantada, disse que isso aqui era um paraíso, que seu sonho era morar aqui...

— Uma coisa é admirar a paisagem, lá na beira da praia. Outra, bem diferente, é viver aqui, neste centro abafado e cheirando a peixe podre! Se já está assim na primavera, imagine quando chegar o verão! Eu preciso de um lugar mais fresco, mais arejado...

— Então vamos hoje mesmo escolher um lugar para construir uma casa de veraneio. Você fica lá, com todo o conforto, e eu vou sempre que puder, para lhe fazer companhia.

De todos os locais disponíveis para a construção da sua mansão de veraneio, Mégany escolheu uma pequena ilha, que se tornou sua propriedade particular por

decreto presidencial. Só lá poderia criar com sossego o filho, longe do cheiro de pesca e da gentalha que se espremia na praia nas manhãs de sol.

Quando a mansão ficou pronta, a primeira-dama convidou artistas do mundo todo para a festa de inauguração. Todas as despesas de viagem foram pagas pelos cofres públicos de Belezer. Fez Misrail comprar uma lancha nova, para seu traslado, e um iate, para viagens mais longas, tudo com recursos do tesouro nacional.

No inverno, como ventava muito na ilha, resolveu se mudar, já com o filho pequeno, para o palácio do governo. Passou a implicar com a decoração palaciana. Precisava de uma boa reforma. Misrail ponderava, inutilmente:

— Mas o povo já está falando que gastei muito com os seus caprichos, meu bem. Não posso ficar com má fama! Daqui pouco mais de dois anos vamos ter eleições...

— Não é capricho! É importante mudar a aparência deste palácio, do ponto de vista político-institucional.

— Acho que isso é capricho sim. O povo vai achar que o presidente não sabe dizer não à primeira-dama...

— Sei o que estou falando. Meu pai tem muita experiência nesse mundo da política. Você não reparou que o povo ainda se refere a este lugar como o *palácio real*? É preciso acabar com esse ranço da monarquia, que exala de cada tapete, de cada cortina deste mausoléu. Quero me livrar desta atmosfera pesada. Precisamos de um ambiente alegre, moderno, que simbolize os novos tempos. Pode apostar no que estou dizendo...

Misrail acabou se convencendo e deu carta branca à esposa, para comandar a reforma no palácio do governo. Ela contratou uma decoradora estrangeira que alterou as cores das paredes dos cômodos e substituiu todos os móveis, cortinas e tapetes. Depois resolveu ampliar os jardins ao redor do edifício, desapropriando todos os estabelecimentos da região. Foram todos derrubados, mesmo os mais tradicionais, que remontavam ao tempo da colônia.

Não satisfeita, Mégany ampliou a área desapropriada e mandou demolir mais construções, para transformar toda a região num centro cívico. A velha pavimentação de pedras, que existia desde o início do império, foi coberta por asfalto. Contratou um arquiteto moderno para a construção de edifícios para a Suprema Corte, o Parlamento e os Ministérios. Os prédios foram edificados em torno da velha praça, que ganhou nova ornamentação, assinada por um paisagista de fama internacional.

Quando as obras do centro cívico foram concluídas, a primeira-dama percebeu que o palácio presidencial parecia menos oponente do que os demais edifícios públicos.

Resolveu reformar a sua fachada, dando-lhe um estilo mais moderno. O paisagista incrementou os jardins do palácio com plantas exóticas, lagos artificiais e cascatas.

Misrail foi convocado para uma reunião de emergência. Alguns focos de revolta estavam ameaçando a estabilidade política. Ouviam-se protestos de todos os cantos. Nem no tempo da monarquia havia tanto desperdício do dinheiro público. Era muito luxo para o presidente e muita pobreza para o povo.

— Essa cascata no jardim custou caríssimo aos cofres públicos – comentou Melaquir. — O povo já vinha reclamando há algum tempo. Tentei te alertar. Mas agora, essa cascata parece ter sido a gota d'água. Houve uma eclosão de protestos!

— Mas não fiz nada para mim. Os gastos são para a Presidência. São para a República de Belezer. Agora temos um centro cívico. Uma capital de verdade, com cara de capital!

— O povo não acredita nessas desculpas – insistiu Melaquir. — Esses gastos precisam acabar. Ainda não engoliram a mansão na ilha. Dizem que o presidente é dominado pela primeira-dama...

— Na verdade, o presidente e a primeira-dama precisam de instalações à altura da sua posição – retrucou Pláucio. — As obras são para a Presidência. São despesas institucionais e não pessoais. Isso é pura intriga da oposição!

— Mas o senhor é o presidente do partido da oposição – questionou Melaquir.

— Nós somos do partido aliado! Refiro-me à oposição desses comunistas. Eles estão agindo por trás dos protestos. Estão arregimentando o povo ignorante com discursos infundados e demagógicos. Acho que devemos cortar o mal pela raiz e lhes aplicar um castigo exemplar.

— Isso não! – opuseram-se, em coro, Misrail e Melaquir.

— A liberdade é a maior conquista do nosso Partido Libertador – reforçou o chefe de gabinete.

— A liberdade é sagrada! Nada de uso de força – corroborou o presidente.

— Vocês têm razão – recuou Pláucio, pensativo. — É que acabo me inflamando diante de tanta injustiça, de tanta maledicência... Acabo esquecendo que sou um diplomata.

— É o que parece – concordou Melaquir.

— Então vamos nos acalmar – propôs Misrail, propondo uma rodada de uísque.

Depois de um tempo de conversas amenas, o presidente retomou o assunto:

— Sabemos muito bem como agradar o eleitor. As obras faraônicas estão encerradas. Daqui para frente todo o orçamento será aplicado pelo bem da população. Vamos construir escolas, postos de saúde, praças, creches, tudo pelo bem-estar dos cidadãos de Belezer! Eles são a razão da existência do governo. Agora que já temos uma estrutura física adequada para o nosso centro cívico, vamos arregaçar as mangas e cuidar do nosso povo, de cada família que nos confiou o seu destino!

***

— A verdade é que fui um bom governante – afirmou Misrail, espreguiçando-se na cama. — Minha maior preocupação era cuidar do meu povo...

— Bom governante? Foi um demagogo! Só pensava no povo quando pressionado!

— Quer saber? Suma daqui agora! Não sei por que ainda estou lhe dando conversa! Você é só uma alucinação boba! Daqui a pouco vou acordar e me sentir aliviado deste pesadelo ridículo...

— Você era um símbolo para o povo. Em sua pessoa eles depositaram suas esperanças, seus sonhos, sua crença num mundo melhor. Acreditaram que tudo seria possível, pois você era um deles e conseguiu mudar as coisas. Você era um modelo a ser seguido, mas só deu maus exemplos, nas mínimas coisas...

— Que coisas? Diga que maus exemplos foram esses – desafiou Misrail, impaciente.

— Você perdeu inúmeras oportunidades de ser um bom modelo para os seus seguidores, para os jovens que o veneravam. Quer exemplos? Veja essas cenas.

Em seguida, foram exibidas no telão três entrevistas que Misrail deu para a imprensa.

Na primeira, ele fora flagrado por uma câmera em um restaurante, durante uma viagem com o filho.

— Essa viagem mostra que eu sou bom pai – interrompeu. — Consegui encontrar um tempo para dar um pouco de atenção ao meu menino, quando ele completou dez anos de idade!

— Mas preste atenção à cena. O cliente da mesa ao lado esqueceu a carteira cheia de dinheiro e você caçoou do garçom que foi atrás do dono para devolvê-la. Deu um péssimo exemplo para o seu filho e para o país inteiro. Veja o que respondeu ao jornalista que questionou sua atitude.

Em seguida, ouviu-se a gravação de Misrail explicando ao repórter que não acharia desonesto o garçom aproveitar que a sorte lhe dera a oportunidade de conseguir melhorar de vida.

— Isso foi só um fato corriqueiro. Tenho direito ao livre pensamento. Para mim, achado não é roubado!

— Aí é que você se engana. Milhares de jovens poderiam ter se espelhado na atitude honesta do garçom, se você a tivesse prestigiado. Mas deixaram de se influenciar por esse bom exemplo no momento em que o seu líder Misrail zombou da situação e ensinou que achado não é roubado. Esse fato teve muito mais repercussões do que você pode imaginar.

— Agora eu sou o culpado de tudo. Que bobagem. Por que não me deixa dormir?

— Porque você mesmo me pediu exemplos. Vamos ao próximo.

Seguiu-se no telão outra entrevista, em que Misrail foi flagrado fumando e um jornalista questionou sua atitude, incoerente com a campanha de combate ao tabagismo do Ministério da Saúde.

— Todos sabiam que eu fumo desde criança quando me elegeram. Não é porque fazemos campanha contra o cigarro que se tornou crime fumar. Tenha paciência!

— O problema não foi fumar. Foi a resposta que deu ao jornalista. Criticou a campanha do seu próprio Ministério e respondeu que em seu gabinete o fumo era permitido, mesmo havendo lei que proibia cigarro em locais públicos. Deu mau exemplo sim. Ensinou o povo a desobedecer à lei. Neutralizou uma campanha caríssima do Ministério da Saúde, ao dar a entender que a proibição de cigarro em local público não tinha importância. Não só fumou, mas fez apologia ao fumo. Influenciou mal os jovens.

— Mas o que eu podia fazer? Mentir que parei de fumar? Aí me chamaria de hipócrita e de mentiroso.

— Deveria ter respondido que infelizmente estava viciado, mas que apoiava a campanha e não aconselhava o uso do cigarro. Graças a essa única entrevista, muita gente que tentaria evitar o fumo se sentiu encorajada a fumar.

— Você queria que eu fosse um santo e não apenas um presidente – comentou Misrail, balançando a cabeça.

— E ainda, teve aquela entrevista em que desestimulou os estudos.

— Como assim? Sempre investi na educação. Foi uma das prioridades do meu governo...

— Investimentos esses que em parte foram jogados fora com uma simples declaração sua...

Exibiu, então, a entrevista em que o presidente dizia que estudar não era tão importante como diziam. Afinal, ele havia frequentado só os primeiros anos da escola e se tornado um presidente. O que mais alguém poderia querer da vida?

— Ah! Então agora eu sou o culpado por todos os que resolveram não estudar em Belezer.

— É responsável, mais uma vez, por ter dado mau exemplo. Você não calcula as consequências desse único ato. Muitos pais que na época tentavam convencer os filhos da importância dos estudos tiveram seus argumentos enfraquecidos com essa infeliz declaração do presidente.

— Cada um tem seu livre arbítrio. Eu não posso ser culpado pelas escolhas dos outros. Quem quisesse estudar, que fosse estudar. A escola estava lá, à disposição de todos...

— Você não entendeu a responsabilidade de todo aquele que tem carisma, que se torna um ídolo, um modelo para os jovens. Uma pena...

— Está bem. Mesmo que eu tenha pisado na bola nessas entrevistas, isso não faz de mim um vilão. Eu não sou perfeito. Sou humano. Tenho o direito de errar de vez em quando.

— Quem me dera seus erros se resumissem a esses pequenos episódios. Esses eu mostrei só para você entender que deixou de dar bons exemplos nas mínimas coisas. Mas o pior foram os grandes erros: traições, desvios de dinheiro público, propinas...

— Logo se vê que você não entende nada de política. Nesse mundo, não dá para ser muito certinho. Senão, não se faz nada! Não se sai do lugar! Você não imagina o que é ter que conseguir o apoio dos parlamentares, das elites, dos detentores do poder econômico... As propinas são pequenos efeitos colaterais, para se alcançar um bem maior. Às vezes o remédio é um pouco amargo, mas é pela cura do paciente. Eu sempre fiz tudo pensando no bem do povo.

— A corrupção, quando se instala, ganha vida própria. Não pode ser canalizada. Você dizia que pensava no povo, mas alimentava a própria ambição, com suas ações eleitoreiras. Tinha que se manter no poder a qualquer custo. Agarrou-se a ele com unhas e dentes. Nem percebeu que entrava num caminho sem volta, que descia cada vez mais para o fundo do poço. Quantas vezes tentei avisar.

***

Misrail se assustou com o clamor popular quando tentou deixar o palácio junto com a primeira-dama. Foram obrigados a recuar e sair mais tarde, pelos fundos. Não tinha ideia de que o povo estivesse tão revoltado.

Convocou uma reunião de emergência para discutir a má repercussão das obras. A equipe do governo agendou visitas do presidente às vilas de pescadores e lavradores, para falar dos novos programas sociais.

Numa manhã ensolarada de sábado, entre discursos, abraços em senhoras de idade e fotos com crianças no colo, Misrail percebeu que ao largo do povo passava a mulher que tanto amara, rumo à praia.

Despediu-se dos ouvintes, livrou-se dos seguranças e foi atrás de Merina. Encontrou-a furando a areia para armar o guarda-sol. Tirou os sapatos, dobrou as calças até os joelhos e correu em sua direção. Ofereceu-se para fazer o serviço para ela.

— Não perca seu tempo comigo. Daqui não sai voto – foi a resposta, fria e seca, sem esboço de sorriso.

— Estava com saudade. Nunca te esqueci, minha morena...

— É um pouco tarde para me procurar. Nosso casamento estava marcado para alguns anos atrás. Na última vez que conversamos, combinávamos a música que tocaria enquanto deixássemos o cais numa balsa toda enfeitada de flores para o casamento no mar...

— Você tem razão de estar magoada. É que eu não sabia que quando entrasse para a política perderia o direito de ter vida própria. Não mando mais na minha vida pessoal. Mas o meu coração ainda é seu. Pode acreditar. Se me quiser ainda, podemos arrumar um lugar para nos encontrarmos, com discrição...

— Se pensa que vou ser sua amante, está enganado. Levei muito tempo para me recuperar da desilusão. Mas estou curada. Não sinto mais nada por você. Só nojo e pena, pelo papel ridículo que faz na política. É um fracassado, um fantoche nas mãos de Pláucio e Mégany. Pensa que é o rei, mas é o bobo da corte. Se não for pedir demais, peço que me deixe aproveitar minha manhã de praia.

Misrail se afastou lentamente, pensando nas duras palavras de Merina. Sentiu um nó na garganta e se conteve para não chorar. Ela parecia ainda mais linda do que antigamente. Não se conformava por tê-la perdido. Era difícil acreditar que um dia já fora sua. Agora só lhe restavam os caprichos e as implicâncias da esposa.

Mégany era bonita, mas mal deixava que ele se aproximasse. Era a roupa que não podia amassar, o penteado que não podia estragar, as unhas recém-pintadas...

Sempre havia um motivo para afastar o marido. Considerava-se uma boneca de porcelana, que só deveria ser apreciada, mas não tocada.

Antes que terminasse de atravessar a faixa de areia, em meio a esses pensamentos, foi interceptado por Rélika, prima de Merina:

— Desculpe me intrometer, Misrail. Estava tomando sol ali perto e não pude deixar de ouvir a conversa.

— Rélika! Há quanto tempo não nos vemos! Peço que mantenha em segredo tudo o que ouviu...

— Claro! Pode contar com meu silêncio. Só quero ajudar. Acho que Merina está cometendo um grande erro. Deveria deixar o orgulho de lado e ser mais compreensiva.

— Agradeço o seu apoio, mas acho que nada vai convencê-la a voltar para mim.

— Posso tentar ajudar.

— Pode conversar com ela? Será que ela lhe dará ouvido?

— Com certeza não me ouviria. Mas tenho outro plano. Conheço minha prima. Se fingirmos que estamos tendo um caso, ela vai morrer de ciúme. Vai fazer de tudo para te reconquistar.

— Acho difícil que isso dê certo. Conheço Merina.

— Pensa que conhece. Não sabe como funciona uma mulher enciumada. Quando perceber que eu roubei o lugar de namorada secreta do presidente, ela mudará de atitude.

Misrail se deixou levar pela conversa de Rélika. Ficariam juntos no luau dos pescadores que haveria na noite de lua cheia. Com certeza Merina os veria ou, ao menos, ouviria falar do caso.

A intenção de Rélika era outra. Sabia que Merina não voltaria a se interessar pelo antigo noivo. Apenas ficaria magoada com a prima. Rélika estava disposta a perder a sua amizade e se tornar a amante do presidente.

Misrail dispensou os seguranças, vestiu roupas simples e dirigiu ele mesmo um conversível, rumo à vila dos pescadores. Viveu um momento de raro prazer ao sentir o vento da liberdade em seu rosto. Tudo parecia perfeito para a grande aventura. Mégany estava na mansão da ilha, alheia aos seus passos.

Ao chegar à festa, tentou se aproximar dos pescadores como se fosse um deles, mas percebeu que não era bem-vindo. Ninguém mais o encarava como um velho amigo. Deixara de ser o companheiro Misrail. Foi salvo por Rélika, que o convidou para um coquetel.

No início ele fingia flertá-la enquanto procurava por Merina. Mas ela era habilidosa e fez com que ele esquecesse o planejado. Misrail amanheceu nos braços de sua nova morena, num dos casebres da vila da sua infância.

Antes de voltar ao palácio, o presidente resolveu dar uma caminhada pela vila, para relembrar os velhos tempos. Parou diante do cais e ficou imaginando como fora a morte do seu pai na batalha da independência, ali naquele exato lugar. Aproximaram-se alguns pescadores. Tentou travar com eles uma conversa camarada, mas não estavam ali para isso. Aproveitaram sua presença para manifestar seu descontentamento, falando todos ao mesmo tempo:

— O que veio fazer aqui na vila? Tentar nos enganar?

— Sabemos muito bem que essas medidas de construção de escolas, postos de saúde e hospitais só servem para calar a oposição.

— Só servem pra enganar o povo e ainda desviar o dinheiro público.

— A monarquia não era tão ruim como o seu governo, Senhor Presidente!

— Não precisam me chamar assim – ele interrompeu. — Continuo o velho Misrail, seu companheiro!

— De companheiro não tem mais nada! Vive no luxo, enquanto o povo morre de fome.

— Mas estou aqui justamente para discutir com vocês o meu programa de governo. Até aqui tivemos que adaptar as instalações do centro cívico, mas agora todo o orçamento será para ajudar vocês.

— Como assim? Ajudar? Não estamos pedindo ajuda. Um terço do que produzimos está sendo consumido pelos impostos. É o que diz o *impostômetro*, que o nosso líder está divulgando.

— E mesmo com tanto imposto, o povo está passando fome!

— Quem é o líder? – perguntou Misrail.

— Você deveria saber. Ele já pediu o registro do nosso partido no Tribunal Eleitoral.

— Que partido?

Continuaram a falar todos ao mesmo tempo:

— Como anda desinformado!

— O Partido Popular, que fundamos há um mês.

— Não aguentamos mais ver tanta roubalheira e o povo passando fome.

— Nosso líder é o companheiro Radak. E a secretária do partido é a companheira Merina.

Misrail levou algum tempo para se refazer do choque.

— Posso estar desinformado, porque sou obrigado a delegar muitos assuntos aos meus auxiliares. O presidente não pode estar em toda parte e cuidar de tudo ao mesmo tempo. Estou totalmente envolvido no novo projeto, que vai justamente acabar com a fome neste país.

— Que projeto é esse?

— É o *Programa Prato Cheio.* Não restará mais um único prato vazio nesta ilha. Este é o meu compromisso.

Ouviram-se aplausos de algumas senhoras que se amontoavam ao redor dos pescadores. O novo programa, que Misrail acabava de inventar, parecia ter causado um impacto positivo na vila. Saiu dali esperançoso de recuperar o eleitorado.

Convocou às pressas uma reunião do gabinete para criarem imediatamente o novo programa.

— Mas Senhor Presidente, estamos praticamente falidos – objetou o secretário das finanças. — As novas escolas, creches e postos de saúde acabaram com nossas reservas.

— Mas o que o povo quer é comida. Não adianta ir para escola de barriga vazia. Vocês não imaginam o impacto que causei ao falar no *Programa Prato Cheio.* Eu tinha que inventar alguma coisa; estavam quase me apedrejando!

— Sim, mas estamos endividados, Senhor Presidente. Já emitimos títulos, já emprestamos dos fundos internacionais, não temos de onde tirar dinheiro!

— Não podemos pensar assim! Temos que crescer. Temos a máquina de fazer dinheiro, não temos? É só emitir moeda!

— Isso vai aumentar a inflação – redarguiu Melaquir. — É um remédio que mata o paciente!

— Mas os nossos programas vão acabar gerando empregos, aquecendo a economia! E eu já prometi ao povo. O *Programa Prato Cheio* não tem mais volta.

— Já não explicamos que não pode falar de improviso? – reclamou Pláucio. — Olha o resultado: prometeu algo que não poderá cumprir!

— Não só posso cumprir, como cumprirei. Está decidido. Vamos distribuir cestas básicas a todas as famílias de baixa renda. Quero que comecem imediatamente a criar o *marketing* do programa. Quero o *Programa Prato Cheio* em todas as esquinas,

em todos os anúncios de rádio e de TV. Vai ser a marca registrada da minha administração. Vou acabar ganhando um Prêmio Nobel, por acabar com a fome no meu país!

***

O *Programa Prato Cheio* foi um sucesso. Deixou o povo satisfeito, ganhou repercussão internacional e garantiu a reeleição de Misrail. Em contrapartida, acabou de vez com as finanças públicas de Belezer.

Para viabilizar o projeto, foram adquiridas cestas básicas com produtos próximos da data de vencimento, que seriam descartados ou vendidos a preço de banana. O processo licitatório foi dispensado, a pretexto de urgência. O contrato foi superfaturado, para financiar as propinas dos intermediários da negociação e a campanha eleitoral.

Pagamentos mensais eram feitos a parlamentares e a todos os que, de alguma forma, trouxessem alguma ameaça ao projeto. Apesar de Misrail justificar para si mesmo que tudo era feito pelo bem do povo, na verdade agia para se manter no poder. Perdera o controle sobre a rede de corrupção que se instalara em Belezer. Técnicos habilidosos conseguiram maquiar a contabilidade, mas a crise econômica se tornou incontrolável.

Com o agravamento da crise, logo no início do novo mandato escolas foram fechadas, postos de saúde se transformaram em sucata e começaram a chegar com atraso as cestas básicas do *Programa Prato Cheio.*

Os protestos do povo voltaram a assombrar Misrail, comandados por Merina e Radak, do Partido Popular. O projeto que até então era o orgulho do seu governo começava a ser chamado de *Programa Prato Quebrado* e *Programa Prato Vazio.*

De todos os apelidos que o povo pôs no *Programa Prato Cheio*, o que mais ganhou força foi o que aludia à corrupção: a cada manhã mais muros apareciam pichados com caricaturas de Misrail e a expressão *Programa Prato Sujo.*

Numa reunião de emergência para gerenciar a crise, o governo resolveu privatizar empresas públicas. Novas propinas foram necessárias para calar os parlamentares. Empresas estatais foram leiloadas e vendidas a troco de banana, como denunciavam Merina e Radak.

Sem saber o que fazer, Misrail assistia ao naufrágio do seu governo. Belezer parecia perdida. A imprensa internacional tecia severas críticas à sua política econômica. Os jornais mostravam o aumento das filas de desempregados, as altas taxas de criminalidade, a falta de saneamento básico e o avanço de epidemias.

O governo era diariamente massacrado pela imprensa e pelo Partido Popular. Os cidadãos de Belezer aprenderam uma palavra nunca usada antes no país: *impeachment.*

***

A política pegava fogo em Belezer. Merina e Radak visitavam cooperativas, sindicatos e comunidades em todos os cantos da ilha. Já haviam angariado a simpatia dos pescadores e dos lavradores.

Numa manhã de sábado, partiram para a região serrana, com a intenção de ver de perto a situação dos trabalhadores por lá. Foram recebidos na associação dos garimpeiros autônomos, que gozavam de condições relativamente dignas de trabalho. Mas as denúncias eram graves em relação às minas de carvão. A companhia mantinha os trabalhadores em condições análogas às de escravos, com baixos salários, jornadas extenuantes e desrespeito às normas de saúde e segurança. Era alarmante o número de mineiros mortos em acidentes ou acometidos de doença ocupacional.

Merina sugeriu solicitar uma vistoria pelos fiscais do Ministério do Trabalho. O líder dos garimpeiros respondeu com uma gargalhada. Já haviam denunciado o fato diversas vezes, mas o governo fazia vista grossa, em troca de apoio financeiro para as campanhas. Queriam ajudar os companheiros empregados da mineradora, mas estavam de mãos atadas.

— Isso é inaceitável – discursou Radak. — Vamos pôr a boca no mundo. Vamos chamar a imprensa, a Organização Internacional do Trabalho, o Ministério Público, a Anistia Internacional... Alguém vai ter que nos ouvir. O Partido Popular não se calará enquanto o povo não for respeitado. Chega de corrupção!

Depois de muitos aplausos, Merina e Radak deixaram a associação, levando consigo o eco da esperança que irradiava daquela comunidade. Sentiam-se tão indignados com as denúncias quanto decididos a resgatar aqueles trabalhadores, abandonados pelo governo de Misrail. Ao entrar no carro, ela comentou o quanto estava animada mas, ao mesmo tempo, cansada. Havia passado o dia todo discutindo assuntos pesados, sob forte tensão.

— Que tal um fim de dia relaxante? Eu trouxe alguns sanduíches para comermos na volta. Podíamos fazer um piquenique – ele propôs, enquanto escolhia uma música para embalar o passeio.

— Piquenique? Onde? – ela riu.

— Vamos descer a serra até a praia?

— A costa oeste? Não tem nada lá!

— Por isso mesmo, Merina. Eu quero um lugar sossegado, um momento só para nós dois.

— Nós dois? – ela estranhou.

— Isso mesmo: nós dois – ele a abraçou. — Só pensamos em ajudar os outros e nos esquecemos de nós mesmos. Eu não posso mais esperar para falar dos meus sentimentos por você. Mas quero fazer isso num momento especial. Quero começar nossa história num lugar bonito. A costa oeste tem um pôr de sol espetacular e lá ninguém vai interromper minha declaração de amor. Aceita?

— Então vamos encontrar esse pôr de sol maravilhoso. Lá eu digo se aceito.

Em meio à exuberância da mata, naquele fim de tarde, ouviu-se o som de uma explosão. O veículo despencou de um penhasco, pondo fim àquele romance antes mesmo do seu início, numa curva fechada da serra. Com ele desmoronaram o projeto político do casal, as esperanças do povo sofredor e a maior ameaça ao governo de Misrail.

***

A notícia do acidente veio à tona numa reunião do gabinete. O presidente precisou se retirar para vomitar e chorar, em segredo, a morte da sua amada Merina. Quando conseguiu se recompor e voltar à reunião, os assessores conversavam sobre os trabalhos de perícia no local do acidente. Ouviu algo como a necessidade de interromper a investigação da polícia, que suspeitava de possível sabotagem.

Misrail quis saber por que a investigação deveria ser interrompida. Desconfiou que o acidente pudesse ter sido encomendado por um setor mais radical do partido. Merina e Radak vinham se tornando uma ameaça incontrolável. Adeptos à ideia de que os fins justificam os meios, aqueles companheiros fariam de tudo para cortar o mal pela raiz. Podiam muito bem ter mandado um capanga se infiltrar no evento e sabotar o veículo dos líderes da oposição.

Os assessores tentavam desconversar, mas ele insistia no assunto. Achava que as investigações deviam continuar. Pláucio o chamou para uma conversa reservada:

— É melhor deixar as coisas como estão! Quanto menos soubermos, melhor. Os jornais dizem que os dois saíram do evento dispostos a denunciar trabalho escravo! Se alguém descobrir que o acidente foi criminoso, vão pensar que o mandante foi o dono da mineradora. E provavelmente foi mesmo...

— Mas não podemos impedir a investigação da polícia – repetiu o presidente. — Não podemos compactuar com o duplo homicídio.

— Nada trará aqueles coitados de volta – rebateu Pláucio. — Não adianta chorar sobre o leite derramado. Você é o presidente! Não pode agir com o coração. Não pode deixar que a sua dor pessoal interfira nos rumos do país. O acidente foi trágico, é verdade, mas talvez tenha salvado Belezer de um golpe comunista! Há males que vêm para o bem...

Misrail acabou acatando o conselho e não tocou mais no assunto. Mas o velho Melaquir não deixava o caso morrer. Não se conformava com o assassinato de uma heroína da revolução republicana. Exigia que o acidente fosse investigado a fundo e que os culpados fossem punidos. Diante da inércia do presidente, ameaçou levar a denúncia a público. Os integrantes da ala radical do partido convocaram uma reunião secreta e o apontaram como traidor.

— Só há um remédio para isso – sentenciou Demitrix, o mais exaltado, com um gesto a simbolizar decapitação.

Assustado, Misrail olhou para Pláucio, o único integrante do governo presente. Ele corroborou a ideia, já ambicionando a chefia do gabinete:

— Se ele puser a boca no mundo, o *impeachment* vai ser o menor dos seus problemas...

Diante da expressão incrédula do presidente, Demitrix insistiu:

— O velho já não sabe o que diz e teima em não se afastar da vida pública. Vai pôr tudo a perder!

— Infelizmente, a verdade é que ele vem se tornando uma ameaça já há algum tempo – reforçou Pláucio. — Anda dizendo por aí que o governo está cometendo erros e se tornando corrupto. Se não for calado, Senhor Presidente, os seus bens vão ser confiscados. E vamos todos parar na cadeia.

— E o pior: os comunistas tomarão conta de Belezer – completou Demitrix.

Com dor no coração, Misrail se deu por vencido:

— Então só me resta lavar as mãos. Que se faça o que for preciso, pelo bem do partido e do povo de Belezer.

***

— Veja a que ponto você chegou! Mandou matar o próprio amigo, além de acobertar a morte da única mulher que um dia o amou de verdade.

— Mas eu não poderia fazer mais nada! O mal já estava feito. E se eu não ficasse quieto, os comunistas iriam tomar conta da ilha. Todos os sacrifícios teriam sido em vão!

— Essas desculpas, a mim não convencem. Primeiro, era a ameaça dos monarquistas; depois, a dos comunistas... A verdade é que você se apegou ao poder e à riqueza. Tornou-se um tirano, pior do que o seu tio. Astulfo ao menos assumia que era um déspota. Você agia sob o disfarce de um regime democrático, mas não passava de um ditador.

— Como pode me chamar de ditador?! Se me mantive no governo, foi pelo sagrado voto popular...

— Não me faça rir! Você sabe muito bem que se reelegeu à custa do patrimônio público e de programas sociais eleitoreiros. Comprou os parlamentares para se perpetuar no poder. Chegou até a fraudar eleições! Vamos relembrar...

***

Com o desaparecimento de Melaquir, Pláucio se tornou o chefe de gabinete e principal conselheiro do presidente. Pretendia se manter na cúpula do governo. Sabia que, para isso, precisava reeleger Misrail. Era o único integrante dos partidos aliados com carisma suficiente para reverter a onda de desprestígio. Seu papel histórico, de filho do mártir e salvador da pátria, ainda tinha certo peso.

Durante o segundo mandato, começou a tecer as articulações para conseguir aprovar uma emenda constitucional que permitisse sucessivas reeleições. Prometeu aumentar o valor da mesada dos parlamentares, assim que fosse aprovada a emenda.

Paralelamente a isso, conseguiu nomear gente sua para as diretorias das poucas empresas que continuavam estatais, obtendo uma fonte de renda secreta para financiar a campanha e os *mensaleiros*. Sabia que o partido da oposição estava de olhos abertos, assim como os magistrados do Tribunal Eleitoral. Precisava agir em silêncio e com antecedência, enquanto Misrail se preocupava em reconquistar a simpatia do povo.

A principal meta do governo de Misrail era recuperar a credibilidade do *Programa Prato Cheio*. Não dava ouvidos aos analistas econômicos, sobre a necessidade de encerrar aquele programa. Tornara-se, para ele, uma questão de honra. Acreditava que o povo podia perder o emprego e a vergonha, mas não perderia, por nada, um prato de comida de graça.

Moeda sem lastro foi emitida, títulos públicos foram vendidos, recursos foram desviados e a contabilidade, maquiada. Mas o programa seguiu em frente e voltou a ser conhecido como *Prato Cheio*.

Com o povo satisfeito e o Partido Popular – órfão de pai e mãe – amedrontado, nada impediria a reeleição. A despeito das denúncias da imprensa internacional, do descontentamento da classe média, do desemprego e da inflação, Misrail foi, mais uma vez, eleito presidente.

Sentindo-se renovado, prometeu a si mesmo que iria se redimir junto à população. Era a oportunidade de consolidar o *Programa Prato Cheio* e implantar novas políticas em prol do povo de Belezer. Queria voltar a ser amado pelos conterrâneos e a ser visto como herói nacional. Trocou alguns ministros e reuniu a equipe de governo para estabelecer as metas para o terceiro mandato.

— Precisamos reaquecer a economia – propôs o novo secretário das finanças. — Se não pusermos as contas em ordem, nenhum programa social sobreviverá.

— Tive uma ideia! Vamos estimular o turismo! Belezer é um paraíso. Vamos encher esta ilha de turistas.

— É verdade – concordou Pláucio, pensativo. — Como não pensei nisso antes?! Os turistas trarão dinheiro, gerarão empregos e fomentarão a economia. Para isso temos que gerar fundos e atrair grandes investidores. Precisamos abrir uma boa linha de crédito no Banco de Desenvolvimento...

— Eu estava pensando em financiar pequenos empreendimentos – discordou Misrail. — O nosso povo mesmo poderia abrir pousadas, restaurantes com pratos regionais, serviços de guias turísticos, passeios de barco... Isso iria mudar suas vidas. Renderia muitos votos...

— Assim não conseguirá atrair turistas – retrucou Pláucio. — Precisamos de empresários profissionais, de grandes companhias que construam *resorts,* escunas, iates, hotéis de luxo, restaurantes de cozinha internacional... Isso vai gerar muitos empregos para o nosso povo. Aí está o segredo!

— Essa gente não saberia gerenciar seus próprios negócios – concordou o secretário das finanças. — Eles precisam ser mandados! Iam perder tudo em dois tempos...

— Mas precisamos ajudar o povo a se emancipar – insistiu o presidente. — Temos que lhes dar um voto de confiança. Afinal, eu era um simples pescador e hoje administro o país!

Desastrosamente, pensou Pláucio, rindo em silêncio. Acabou convencendo Misrail de que aquele ainda não era o momento de investir no empreendedorismo do

povo. A economia estava muito frágil. Não podiam se dar ao luxo de correr riscos desnecessários. Mais tarde, sim, quando as coisas melhorassem, poderiam dar esse segundo passo. Não agora, na situação crucial em que se encontrava Belezer, lutando contra o caos da economia e a miséria do povo.

Na verdade, a intenção de Pláucio era passar informações privilegiadas para conhecidos seus adquirirem terrenos que valorizariam do dia para a noite, e ainda, por acréscimo, os financiamentos facilitados do governo. Tudo isso mediante generosas comissões, evidentemente. Precisava melhorar seu pé-de-meia e cuidar do seu futuro. O primado de Misrail vinha se desgastando e parecia caminhar para o capítulo final.

***

A economia melhorou antes mesmo da chegada dos turistas. Belezer se transformou num imenso canteiro de obras. A construção dos hotéis gerou grande número de empregos diretos e indiretos. Engenheiros, empresários, publicitários e uma infinidade de outros profissionais traziam vida às cidades e faziam circular o dinheiro.

O reduto de hotéis se formou na costa oeste, onde a geografia acidentada gerava paisagens paradisíacas. Construções enormes surgiam encrustadas nas rochas das encostas das montanhas, de onde se projetavam *decks* com piscinas e amplos terraços envidraçados, com vista para o mar. De longe se via um gigantesco cilindro em cujo ápice os turistas poderiam desfrutar de um restaurante panorâmico giratório, ora exibindo o mar, ora as montanhas.

Misrail mandou construir um porto com serviço de balsas de luxo, um iate clube e uma pista de pouso para pequenas aeronaves, tudo para facilitar a chegada dos turistas. Criou uma estação de esportes náuticos, com diversos equipamentos para mergulho, pesca, esqui, surfe e outras modalidades. Providenciou um time de salva-vidas e instrutores treinados. Instalou um moderno parque de diversões, com brinquedos para todas as idades e uma roda gigante na qual o usuário tinha a sensação de estar suspenso sobre o mar. Uma enorme praça foi construída perto da praia, com jardins tropicais e espelhos d'água. No centro dela foi erigido um palco para eventos e, ao lado, uma feira com bangalôs rústicos. Ali os turistas fariam compras e experimentariam alguns quitutes e bebidas, valorizando os produtos nativos. Cooperativas foram organizadas para profissionalizar a produção de artesanatos, bebidas e alimentos regionais.

O secretário das finanças andava atrás de Misrail para tentar convencê-lo, em vão, a reduzir as despesas. As contas estavam descontroladas. Apesar do novo ânimo da economia, a situação era preocupante. A dívida pública alcançava patamares inaceitáveis.

— Isso não é nada – desconversava Pláucio. — Quando começarmos a receber o retorno desses investimentos, essa dívida vai sumir do mapa! Não podemos parar agora!

E as obras continuavam. Quando estava quase tudo pronto para a inauguração do complexo turístico, um dos instrutores de esporte aquático procurou o secretário do turismo com uma notícia devastadora: um tubarão branco, dos mais perigosos, rondava a praia naquele lado da ilha. Por pouco não fora atacado. Só escapou porque foi socorrido por um colega que estava por perto com um *jet-ski.*

Misrail encomendou um estudo às pressas sobre a situação. Só então soube que eram verdadeiras as lendas sobre ataques de tubarão naquela região da costa, que dava para o mar aberto. Foi aconselhado a instalar redes de proteção dentro do mar para manter os esqualos longe dos banhistas.

O secretário do meio ambiente alertou que a tela mataria golfinhos, tartarugas e inúmeras outras espécies. E o pior: o material escolhido não era forte o suficiente para conter um tubarão branco adulto, segundo estudo realizado por um biólogo da sua equipe. Seria necessária uma tela mais resistente, de um material muito mais caro.

De outro lado, o secretário das finanças continuava a bombardear os ouvidos do presidente com números e previsões alarmantes. A economia de Belezer estava moribunda! Era urgente a contenção de despesas.

Farto daquele imbróglio, Misrail pôs fim no assunto: proibiu que se falasse em *contenção*, fosse de despesas, fosse de tubarões. Deixou que instalassem a rede mais barata já adquirida e exigiu sigilo absoluto de todos os envolvidos. Nada poderia ofuscar a grandiosa inauguração do complexo turístico.

A festa tinha tudo para ser um grande sucesso. Dias antes, as reservas nos hotéis já estavam esgotadas e havia uma fila de interessados aguardando eventuais desistências. Toneladas de alimentos abasteceram restaurantes, bares e hotéis. Era a maior produção de todos os tempos, para alegria dos pescadores, lavradores e hortifrutigranjeiros. O setor do garimpo também foi beneficiado, com a demanda de pedras semipreciosas. As cooperativas de artesanatos, bebidas e alimentos regionais mal davam conta de atender tantas encomendas. Percebia-se um toque de bom humor nos olhos dos ilhéus. Pairava um clima de otimismo em Belezer.

Desde a véspera do grande dia, não cessava o movimento das balsas, carregadas de turistas. Outros chegavam, a toda hora, em lanchas, jatinhos e helicópteros. Recebiam calorosas boas-vindas e eram conduzidos aos hotéis, em meio a risos e efusivas exclamações.

A cerimônia de inauguração começou quando o sol se punha no horizonte, pincelando de laranja e vermelho o céu e o mar. Misrail discursou com eloquência. Começou por agradecer e dar boas-vindas aos visitantes. Falou do progresso que aquele

polo turístico traria a Belezer e das previsões otimistas da equipe do governo quanto ao retorno dos investimentos. Disse o quanto estava orgulhoso do seu povo. Agradeceu a contribuição de cada um para a realização daquele sonho.

Foi ovacionado por alguns minutos. Enquanto se retirava, as atenções se voltaram para os fogos de artifício que explodiam no céu, àquela altura já escurecido. Depois da exibição pirotécnica, fogueiras foram acesas e malabaristas subiram ao palco, seguidos de um grupo de dança nativa. Moças de branco circulavam carregando bandejas com petiscos e bebidas.

Misrail, visivelmente satisfeito, assistia a tudo de uma mesa especial, acompanhado por Mégany e alguns convidados de honra. Olhava para os conterrâneos com o sorriso de um pai a admirar os filhos enquanto abrem seus presentes de Natal. O povo de Belezer nunca tinha se sentido tão valorizado. Estavam todos, de fato, muito felizes naquela noite.

A certa altura, um grupo de jovens risonhos correu para dentro do mar. Os poucos que sabiam da existência do tubarão ficaram tensos, com receio de que a festa terminasse em tragédia. A maioria dos salva-vidas desconhecia o fato. Ainda assim, posicionaram-se em alerta, preocupados com a possibilidade de algum alcoolizado entrar em apuros. Para alívio geral, os banhistas logo saíram da água, sem que houvesse nenhum incidente. Misrail disse a si mesmo que providenciaria o reforço da tela de proteção naquela mesma semana. Não queria passar o resto da vida assombrado por um tubarão branco.

Depois de algumas horas, Mégany e Misrail aproveitaram que seus convidados foram para a pista de dança e se retiraram discretamente da festa, para o merecido descanso. Estavam hospedados na suíte presidencial do mais luxuoso dos hotéis. Naquela noite ela foi especialmente carinhosa. Pela primeira vez parecia estar verdadeiramente orgulhosa do marido e satisfeita por morar em Belezer. Amaram-se como não se amavam havia anos. Misrail dormiu feliz como nunca. Seu complexo de turismo era um sucesso. Aquela noite era o auge do seu governo.

Os primeiros raios de sol o encontraram na varanda, a contemplar a sua obra. Nunca perdera o velho hábito de pescador, de se levantar de madrugada. Quando Mégany despertou, pediram o café da manhã e depois se banharam na piscina privativa da suíte. Iriam passar o fim de semana todo ali para descansar e ver de perto o funcionamento do complexo. Deram uma volta pela feira, tomaram água de coco, compraram artesanatos, receberam cumprimentos do povo e trocaram gentilezas com turistas. Sentaram-se à sombra dos coqueiros que margeavam a praia e ficaram a observar crianças brincando, moças tomando banho de sol, rapazes jogando bola, banhistas se divertindo. Sob o sol do meio-dia, a praia estava repleta.

De repente, gritos de pavor destacaram-se do burburinho. Misrail se levantou imediatamente e vislumbrou uma massa de gente saindo do mar. Alarmado, subiu ao posto de salva-vidas mais próximo e pediu um binóculo. Pôde ver que duas moças eram retiradas do mar. Uma delas estava com a perna destroçada. O socorrista a deitou na areia e tentou estancar o sangue que jorrava da artéria femoral. Enquanto isso, outro paramédico tentava reanimar a outra jovem com massagem cardíaca. Quando a ambulância chegou, os médicos examinaram as moças e, esgotadas todas as possíveis manobras de ressuscitação, cobriram os corpos para serem encaminhados ao necrotério.

Mais tarde correu a notícia de que as vítimas eram irmãs. A mais nova teve parada cardíaca devido ao choque de ver a irmã sendo devorada pelo tubarão. Misrail pensou em procurar os pais delas, mas não teve coragem. Ficou ainda mais abatido ao saber que algumas crianças haviam se afogado, pisoteadas pela massa de banhistas em pânico. O sonho se transformava em pesadelo.

Não demorou a vir à tona o escândalo da rede barata. Espalhou-se a notícia de que o presidente já sabia do perigo, manteve-o em segredo, e ainda, economizou na escolha da tela de proteção. O assunto ganhou as ruas da cidade. Alguns se referiam a ele como assassino de turistas. O fato se espalhou pela imprensa do mundo todo, com ênfase ao aspecto de que se tratava de tragédia anunciada.

O complexo turístico se transformou num elefante branco. As construções encrustadas nas montanhas mais pareciam castelos mal-assombrados. A roda-gigante abandonada e exposta ao mar enferrujou e se transformou num berçário para ninhos de aves. O mato começou a crescer pelo palco e os bangalôs da praça, transformando tudo numa cidade fantasma. Em poucos meses, os donos dos hotéis faliram e deixaram de pagar o financiamento concedido pelo governo. Todos os investimentos do complexo turístico foram perdidos. A crise voltou a reinar em Belezer.

Misrail tentava, em vão, convencer o povo de que fora vítima de uma fatalidade, mas as circunstâncias do caso eram notórias. Os ataques não lhe davam trégua. Havia relatos sobre o desaparecimento de pescadores que se aventuravam por aquele mar aberto em pequenas jangadas. Deveria ter averiguado se a lenda do tubarão na costa oeste tinha algum fundamento ou se era só invencionice popular. Deveria ter pensado nisso antes de investir naquele setor da ilha, gritava a oposição.

O restante do mandato foi todo ocupado em superar a crise de credibilidade. A equipe do governo praticamente se limitava a traçar estratégias para evitar o *impeachment* e a se defender em processos que discutiam as eleições e as contas públicas. Com o presidente desmoralizado, o aumento do desemprego, a falta de vagas nas escolas, a proliferação de epidemias, a inflação descontrolada, ficava cada vez mais difícil calar a oposição.

Misrail foi aconselhado a não discursar na festa da primavera, como fazia todos os anos, pois havia rumores de que a oposição programava um *panelaço* durante a sua fala. Era vaiado quando visto em público. Em todos os bares e praças, só se falava mal do presidente. O povo não tolerava mais os desmandos do governo.

A militância do partido tornou-se mais radical e se infiltrou em todos os ambientes, em todas as conversas. Quem ousasse criticar alguma medida do governo era praticamente metralhado de ofensas e desmoralizado, tido por antipatriota. Os militantes tinham o dom de sufocar opiniões divergentes e distorcer a verdade, sem perderem a aparência de democráticos.

Ainda assim, eram poucos os resultados obtidos. O Partido Popular conseguira se reorganizar e convencer a população de que não era comunista. O povo começava a enxergar que, no momento em que cessasse a corrupção e se investisse no país com seriedade, voltaria a ter emprego, e não apenas um prato de comida. O *Programa Prato Cheio* voltou a receber o apelido de *Prato Sujo*.

Quando Misrail percebeu, chegou ao fim o mandato sem que tivesse dado atenção às eleições. Pláucio lhe apresentou uma análise dos possíveis cenários e o convenceu de que os maus resultados das pesquisas eram irreversíveis. A eleição estava perdida. A única solução seria manipular o resultado.

— Forjar o resultado?! Mas se as pesquisas forem desmentidas, vão pedir recontagem dos votos...

— Já pensei em tudo isso. Primeiro, precisamos comprar os institutos de pesquisa, para que comecem a reverter os resultados. Aí a oposição vai dizer que estamos roubando nas pesquisas e que roubaremos nas eleições.

— Com certeza! Isso só vai nos desmoralizar ainda mais...

— Aí é que vem o pulo do gato: apareceremos com a bandeira das eleições transparentes e implantaremos as urnas eletrônicas! Vamos convencer o povo de que todos os países civilizados do mundo usam esse sistema, que não permite violação.

— E permite?

— Claro que permite. Não existe sistema inviolável. Já fiz alguns contatos nesse sentido. Sei exatamente como devemos proceder para violar as urnas.

— Hum... Assim teremos uma eleição favorável e sem possibilidade de recontagem dos votos!

— Exatamente, Senhor Presidente! Essa é a nossa única saída. Se não fizermos isso, o Partido Popular vai subir ao poder e os comunistas vão tomar conta de Belezer!

Misrail mandou providenciar o suborno aos institutos de pesquisa e a compra das urnas eletrônicas.

***

— Ainda quer insistir em dizer que não foi um ditador?

— Isso tudo foi feito pelo bem do povo! – defendeu-se Misrail, já conformado em conversar com uma alucinação. — Se a oposição ganhasse as eleições, iam cortar todos os programas sociais. Iam cortar o *Prato Cheio*!

— Quer dizer *Prato Sujo*? Eu poderia passar um filme inteiro só para mostrar como teria sido a História de Belezer sem o seu governo corrupto. Não é possível que você não enxergue o quanto custou caro ao povo esse prato de comida. Quanta gente morreu por falta de saneamento básico, de remédios e de vagas nos hospitais. Quantas famílias se desestruturaram por causa do desemprego. Quantos homens se entregaram ao vício. Quantos casamentos desfeitos. Quantos crimes por conta da miséria. Você ia morrer de depressão se visse isso. Você não ofereceu um prato de comida ao povo. Ofereceu um prato cheio de sujeira. Em boa hora surgiu aquele juiz que levou a sério a *Operação Lava-Prato*!

***

A disputa presidencial foi apertada. Até o último momento, era impossível prever o que diriam as urnas. Apenas Misrail, Pláucio e alguns assessores mais próximos sabiam de antemão o resultado. Tranquilo, Misrail preparava o discurso da vitória, enquanto o povo acompanhava, ansioso, os números exibidos pela imprensa, atualizados num imenso painel.

Quando o resultado foi divulgado, muitos se revoltaram e começaram a pôr em discussão a credibilidade das urnas eletrônicas. Era impossível que o presidente conseguisse tantos votos se todos comentavam, nas ruas, que votariam no candidato adversário.

Pláucio aconselhou Misrail a ter paciência. O povo tinha memória curta. As acusações não durariam para sempre. De fato, aos poucos os rumores se dissiparam e a questão caiu no esquecimento, assim como as diversas denúncias da oposição, enfraquecida com a derrota.

Mas nem todos esqueceriam. Nada passava despercebido pelo delegado Austermo, que vinha acompanhando os desvios de dinheiro do *Programa Prato Cheio* havia algum tempo, e pelo juiz Seriomouro, que tinha sobre sua mesa um imenso dossiê com diversos pedidos de apreensão de documentos e de prisão preventiva.

Capítulo IV – A Operação Lava-Prato

Os primeiros mandados do juiz Seriomouro foram cumpridos quando menos se esperava, numa manhã de inverno. Logo cedo, a neblina das ruas silenciosas era cortada por um comboio de carros pretos que pararam diante da residência do Sr. Ripska, o banqueiro, um dos homens mais ricos de Belezer. Policiais desceram dos veículos e exibiram os mandados ao mordomo, que tentou impedir a sua entrada. Não estava autorizado a deixar que ninguém incomodasse a família. Eles não lhe deram ouvidos e foram direto ao escritório, onde recolheram computadores, agendas e pastas de documentos.

A Sra. Ripska acordou com a movimentação e desceu para ver o que se passava. Assustada, disse que ali só havia informações de interesse particular da família. Pediu aos policiais que não mexessem em mais nada. Os documentos relacionados ao trabalho do marido poderiam ser encontrados no escritório do banco. Eles pediram que ela lesse o teor do mandado e continuaram os trabalhos, sem lhe dar mais atenção.

Vizinhos começaram a sair de suas casas para ver a procissão de policiais carregando os materiais apreendidos da casa do banqueiro para os veículos pretos. Em seguida chegou uma equipe da imprensa. Enquanto o cinegrafista filmava tudo, Keinah, a repórter, tentava entrevistar os policiais, para saber do que se tratava.

Com o passar do tempo, avolumou-se o número de curiosos e chegaram mais equipes de jornalistas. Alguns moradores disponibilizaram cadeiras para as pessoas se acomodarem melhor. Formaram-se animadas rodas de conversa, com as mais variadas versões sobre o caso. Ouviam-se rumores de que o banqueiro seria preso, o que acirrava os ânimos e alimentava as expectativas.

Não demorou a aparecer uma porção de vendedores ambulantes oferecendo pipoca, água e refrigerantes para os curiosos. A operação se transformou num espetáculo público, obrigando a polícia a reforçar a segurança. Um pouco mais tarde, um cordão de isolamento abriu um corredor pelo qual o Sr. Ripska foi conduzido, algemado, até uma das viaturas, ao som de vaias e exclamações da plateia, sedenta por justiça.

Keinah soube que naquele mesmo dia eram cumpridos diversos outros mandados similares. Percebeu que as ordens judiciais deviam se referir a um processo grande e capaz de gerar muito escândalo. Em vez de seguir os policiais para ver para onde seria conduzido o banqueiro, dirigiu-se ao fórum.

Conseguiu arrancar informações de uma estagiária que, por vaidade, fazia questão de mostrar que estava a par de tudo. Disse-lhe que a lista dos investigados, naquela fase, incluía dirigentes de estatais, funcionários do governo e até parlamentares

envolvidos na rede de corrupção em torno do *Programa Prato Cheio*, ou *Prato Sujo*, como preferia a oposição. Foi assim que se tornou pública a *Operação Lava-Prato.*

Instalou-se o pânico na cúpula do governo. Não se sabia exatamente o que seria encontrado no material apreendido e muito menos o que os homens presos revelariam em seus depoimentos. Misrail convocou uma reunião de emergência para discutir a malfadada operação.

— Temos que cortar o mal pela raiz. Precisamos comprar esse juiz e esse delegado, para que arquivem o caso – propôs o presidente.

— Não é tão simples assim – discordou Pláucio. — Nossas investigações preliminares indicam que tanto o delegado Austermo como o juiz Seriomouro são incorruptíveis.

— Duvido! Não existe ninguém incorruptível – opinou o secretário das finanças. —Todos têm seu preço!

— Também acho. É só fazermos uma proposta imperdível. Acenarmos com muito dinheiro mesmo – reforçou Misrail.

— É preciso muito cuidado – insistiu Pláucio. — Pelo histórico dessas autoridades, quem for lhes oferecer suborno poderá ser preso no ato. Aí só vai piorar tudo...

— Verdade – concordou o presidente. — Se é assim, o jeito é encontrarmos algum ponto fraco neles. Hão de ter algum rabo preso. Aí ficam sem saída.

— Eu já tinha pensado nisso – disse Pláucio. — Mas chantagem também não vai dar. Eles têm a ficha totalmente limpa. Nunca deram uma escorregadela sequer. Não têm nenhum telhado de vidro, nada a esconder.

— Com tanta coisa errada para eles investigarem, por que foram atacar logo o nosso programa, que dá de comer aos pobres? – indignou-se Misrail.

— Não adianta ficarmos nos lamentando. Temos que pensar numa solução – observou Pláucio.

— Estou pensando num atentado. Um assalto à mão armada na casa de um e um acidente de carro para o outro – sugeriu Ródion, um capanga da confiança de Misrail.

— Daria muito na vista – discordou Pláucio.

— Eles devem ter filhos, pessoas que poderiam ser ameaçadas – insistiu o capanga.

— Nada corromperia esses homens – repetiu Pláucio. —E nada disso que vocês estão sugerindo iria pôr fim aos processos.

— Um incêndio! – sugeriu Misrail. — Uma vez pusemos fogo num escritório do Parlamento e acabamos com uma CPI! Podemos encomendar um incêndio no fórum...

— Isso funcionava naquela época, Senhor Presidente – discordou o secretário das finanças. — Hoje em dia os arquivos são todos informatizados. Estão todos salvos. Não adianta nada queimar os papéis. Eles imprimem outros.

— Que encrenca! O que podemos fazer? Ficar de braços cruzados, esperando o navio afundar? – revoltou-se Misrail.

— O jeito é ir levando – propôs Pláucio. — Ir usando de diplomacia. Uma manobra aqui, outra ali... O importante é blindar a Presidência. Mesmo que alguns caiam, Misrail tem que se manter a salvo, pelo bem da coalisão.

— Temos que dar um jeito de controlar esses presos – completou o secretário das finanças. — Podem querer negociar a colaboração com as investigações.

— Já pensei nisso – respondeu Pláucio. — Com certeza o Ministério Público vai lhes propor delação premiada. Vamos estudar o quanto cada um deles sabe e o quanto tem a perder.

— Aquele menino, contador aqui do palácio – lembrou Misrail — é só lhe oferecer dinheiro que ele se cala. Está desesperado por dinheiro, para o tratamento da doença da mãe.

— Dinheiro e advogado de defesa – completou o secretário das finanças. — Vai aceitar uma boa importância, mesmo que tenha que ficar preso por uns tempos.

— Mas esse é só um caso – observou outro secretário. — A maioria deles já é gente rica. O banqueiro Ripska, por exemplo, não trocaria a liberdade por dinheiro. Deve estar se sentindo muito humilhado com essa situação. Com certeza vai nos entregar para salvar a própria pele.

— Na verdade ele tem um ponto fraco – interveio Misrail. — Ele trai a esposa e morre de medo que ela descubra. Não podemos esquecer que a fortuna não é dele, mas do sogro. Um divórcio, para ele, é sinônimo de miséria!

— Hummm! Muito bem lembrado – comemorou Pláucio. — Vou programar uma abordagem especial para ele. Temos que estudar os pontos fracos dos outros e, um por um, neutralizar todos os possíveis delatores. Vamos chamar os detetives...

— Mas isso vai demorar muito – discordou Misrail. — Não podemos perder tempo! A qualquer momento eles podem abrir a boca e começar a falar. Acho que seria melhor oferecer dinheiro para os que sabemos que se vendem, chantagear o banqueiro e... arrumar um jeito de apagar os outros. Quem sabe arrumamos alguém de dentro da carceragem...

— Não é bem assim – retrucou Pláucio. — As delações não vão acontecer da noite para o dia. Antes vão perder um tempo negociando os termos dos acordos. Enquanto isso nós vamos investigando. Se começar a aparecer gente morta, aí sim estaremos assinando nossa confissão.

***

À medida que avançava a *Operação Lava-Prato,* esgarçavam-se os laços de confiança e de união entre os membros da equipe de governo. Travou-se uma ferrenha batalha, na qual cada um passou a lutar para defender a própria pele.

Misrail já não sabia em quem confiar. Traições eram reveladas nos momentos mais inesperados. A cada dia, uma amarga surpresa o aguardava. O único que parecia manter-se fiel era Pláucio, que continuava a defender a tese de blindagem do grande líder.

Os dissidentes, ao tentar salvar a si mesmos, expunham o presidente sem misericórdia. Todos os dias a imprensa divulgava um novo escândalo. Keinah, a jornalista que mais cobria a *Operação Lava-Prato,* tornou-se uma espécie de assombração na vida de Misrail.

Foi ela que revelou o escândalo dos beneficiários fantasmas: um quinto dos contemplados pelo *Programa Prato Cheio* seriam, segundo as investigações, pessoas já falecidas ou, simplesmente, que nunca existiram.

Ao ser interpelado pela repórter, Misrail se disse atônito diante da notícia. Garantiu que não sabia de nada. Assegurou que as supostas irregularidades seriam investigadas a fundo e que os culpados seriam punidos com o rigor da lei.

No dia seguinte, a mesma jornalista apresentou uma entrevista junto a famílias cadastradas no *Programa Prato Cheio.* Indignadas, informavam que não vinham recebendo um único prato de comida, sob os mais diversos pretextos. Um dia era atraso dos fornecedores, outro dia problema com o transporte da mercadoria, pane no sistema e assim por diante.

Orientado por Pláucio, o presidente encontrava uma justificativa para cada ataque e procurava sobreviver como desse, um dia de cada vez. Já não governava. Apenas se defendia. Belezer sucumbia ao desemprego, à fome, às doenças e à violência, abandonada à própria sorte.

***

Numa nova fase da *Operação Lava-Prato,* vieram à tona contas bancárias em paraísos fiscais de titularidade da primeira-dama e diversos imóveis no exterior registrados em nome do filho do casal. Descobriu-se, ainda, que o presidente tinha uma filha com Rélika, à qual era paga uma mesada diretamente por um dos fornecedores do *Programa Prato Cheio.*

Diante do abatimento de Misrail, o próprio Pláucio fez um discurso inflamado diante da imprensa, defendendo a integridade moral do presidente e o seu direito à privacidade. Seu patrimônio todo tinha origem lícita, como ficaria inteiramente provado. Todas as calúnias seriam desmentidas. O povo não deveria se deixar contaminar pelo veneno do ódio espalhado pela oposição. Lembrou a origem humilde do presidente, que crescera órfão justamente porque seu pai fora sacrificado pela independência de Belezer. Recordou o quanto Misrail lutou para que o povo se tornasse livre da tirania de Astulfo. Se hoje Belezer era uma república independente, devia isso a uma única pessoa: Misrail.

Manter a boa imagem do presidente, todavia, tornava-se uma tarefa cada vez mais difícil. As armadilhas criadas pelos dissidentes e os documentos apreendidos mostravam de forma inequívoca o envolvimento de Misrail no esquema de corrupção. Havia gravações de conversas em que ele prometera pessoalmente burlar o processo licitatório em troca de favores pessoais. A cada cesta básica comprada para encher o prato do povo, mais enchia o bolso do presidente. As investigações avançavam e tornavam cada vez mais evidente a origem ilícita do seu patrimônio.

Quando Pláucio percebeu que era inevitável a queda do presidente, tratou de se safar. Usou em benefício próprio uma mala cheia de dólares que Misrail lhe entregara para negociar a fidelidade de um possível delator. Deveria pedir a Férnio, ex-dirigente de uma estatal, que em troca do dinheiro entregue ao seu advogado, desmentisse que o presidente teria conhecimento dos desvios. Deveria declarar que toda a negociação era feita diretamente com o fornecedor de cestas básicas e que as propinas eram distribuídas a parlamentares em troca de apoio político, tudo à revelia do presidente. No entanto, quando Misrail abriu o jornal, saltava aos olhos a manchete que o incriminava. Férnio declarou que o presidente comandava o esquema. E ainda, disse que Misrail deixava bem claro que o Ministro Pláucio não poderia ficar sabendo de nada.

Naquele mesmo dia, Pláucio reuniu a imprensa para uma entrevista coletiva. Declarou o quanto estava decepcionado. Pediu desculpas ao povo de Belezer por ter se deixado levar pela lábia de Misrail. Afirmou que o seu partido não poderia compactuar com toda aquela sujeira. Fez novas alianças políticas e abandonou o navio, antes que afundasse de vez.

A imprensa começou a especular sobre possível *impeachment* e expedição de mandado de prisão contra o presidente. Misrail amaldiçoou ainda mais Pláucio, quando lembrou que ele o aconselhara, durante uma das campanhas eleitorais, a sancionar a lei do colarinho branco, que permitia prisão preventiva e suspensão de direitos políticos de presidente sob investigação.

Os advogados ajuizaram um *habeas corpus* preventivo perante a Suprema Corte. A vitória era certa, já que todos os magistrados daquele tribunal tinham sido nomeados pelo presidente. No entanto, para sua decepção, o pedido foi negado.

Sem o apoio de Pláucio, Misrail sentiu-se perdido. Não sabia mais em quem confiar. Nem mesmo na lealdade dos advogados podia acreditar. Fora Pláucio que os contratara. Estava encurralado.

A única salvação seria fugir do país e pedir asilo político. Mas não sabia como, pois o espaço aéreo estava totalmente monitorado. Sabia-se também que a polícia mantinha o cais em permanente fiscalização, assim como os demais possíveis pontos de embarque, impossibilitando a fuga dos investigados.

Desesperado, foi até a ala dos alojamentos dos empregados para falar com Ródion. Precisava pedir a ele que o ajudasse a traçar um plano de fuga. No entanto, ao entrar no quarto, encontrou Mégany na cama do único capanga em quem pensava que ainda podia confiar. Avançou sobre o traidor, tomado pelo ódio. Quase o estrangulava, quando a primeira-dama o deteve:

— Ele não tem culpa de nada! Eu é que o seduzi! O que você esperava? Que eu lhe fosse fiel para o resto da vida enquanto dormia com sua amante? Deixe de ser hipócrita, Misrail. Seja inteligente uma única vez na vida.

Ele se afastou, ofegante, e se sentou numa poltrona, com as duas mãos na cabeça.

— Você está em nossas mãos – continuou Mégany. — Sem nós, não é nada. Ródion e eu só estávamos nos despedindo. Ele é o único que não nos abandonou. É nosso último funcionário leal. Tanto é assim que bolou um plano para a nossa fuga. Você pode esquecer a minha traição e eu posso esquecer a sua. Podemos muito bem viver civilizadamente na minha terra natal e garantir um futuro para o nosso filho.

Depois de alguns minutos de hesitação, Misrail acabou concordando, por falta de alternativa. Sua liberdade estava com os dias contados. Precisava se livrar daquele pesadelo.

Ródion expôs o plano de fuga. Pegariam a estrada na calada da noite e viajariam até o lado oeste da ilha, onde uma lancha os aguardava no píer do polo turístico abandonado. Já havia se certificado de que ninguém se lembrara de fiscalizar aquela

área deserta. Era o único ponto da ilha não coberto pela polícia. De lá seguiriam para Kavatar, onde embarcariam num navio cargueiro. Já estava tudo acertado com a tripulação. Era só dizer que eram enviados pelo companheiro Ródion, que tudo se encaminharia. O navio os levaria para bem longe de Belezer. Depois era só pedir asilo político no país de origem de Mégany, ou no lugar que escolhessem para começar a vida nova.

— Não poderão levar muita bagagem – explicou Ródion. — Sugiro que levem todo o dinheiro que puderem. Com dinheiro, todas as portas se abrirão.

Na noite seguinte, o presidente abriu o cofre a que só ele tinha acesso. Ajeitou no fundo falso de uma mala alguns documentos, barras de ouro e dólares. O espaço restante foi ocupado com roupas e pertences pessoais. O plano de fuga foi posto em prática. Às duas horas da madrugada, conforme combinado, a família do presidente deixou o palácio em silêncio, num carro conduzido por Ródion, rumo ao oeste.

Enquanto o veículo atravessava as ruas desertas, Misrail se despedia, amargurado, da terra natal. Uma bruma fina parecia tornar ainda mais pesaroso o momento. Doía-lhe deixar tudo para trás, principalmente Rélika e a filha pequena. Mégany guardava um ar misterioso. Parecia alheia a tudo. O filho, com a inocência da juventude, encarou a fuga como uma aventura e pegou no sono durante a viagem. Misrail se perguntou se podia confiar mesmo em Ródion. Sentia o sangue ferver ao olhar para aquele homem no banco da frente, a conduzir a sua família. Era humilhante se sentir totalmente dependente dele, depois da cena da noite anterior. Mas não via alternativa. Precisava manter o autocontrole. Em poucas horas estaria livre dele, rumo a uma vida nova.

Quando desceram do carro, Ródion se encarregou de acomodar Mégany, o menino e as malas na lancha. No momento em que Misrail tentou embarcar, o capanga o empurrou para fora e pôs a embarcação em movimento.

Aparvalhado, o presidente ainda pôde ver o braço de Mégany a acenar, num cínico adeus. Levantou-se devagar e ficou olhando para a lancha que se afastava rapidamente, até que sumisse na escuridão do oceano. Não acreditava que fora excluído do plano de fuga. O amante da sua mulher ocupou o seu lugar, levando embora sua família, seu dinheiro e sua única chance de liberdade.

Tomado pelo ódio, chutou para longe uma velha lata abandonada. Sentiu-se a mais estúpida das criaturas, ali, naquela cena patética. Olhou em volta à procura de alguma embarcação para ir atrás deles, mas não sobrara uma canoa sequer naquele cais fantasmagórico. O jeito era retornar para o palácio e pensar em outro plano. Resolveu voltar para o carro, torcendo para que Ródion tivesse ao menos lhe deixado as chaves.

Mal deu um passo, foi surpreendido por um ruído de motores, seguido de um conjunto de faróis que lhe ofuscaram a visão. Quando começava a distinguir o comboio de viaturas estacionadas a certa distância, uma voz amplificada por megafone lhe deu voz de prisão. Diversos policiais o cercaram. Só lhe restava se render.

Um dos policiais explicou que uma denúncia anônima alertara as autoridades de que às quatro horas da madrugada o presidente estaria naquele local aguardando uma embarcação para fugir do país. Por isso o juiz havia autorizado a prisão preventiva e a suspensão dos direitos políticos por tempo indeterminado.

O sol já despontava quando o comboio que conduzia Misrail chegou à sede da polícia. A cidade começava a se movimentar aos poucos, como de rotina, sem saber que inaugurava um dia histórico.

***

Misrail foi preso, mas não chegou a ver o sol nascer quadrado. Quando os primeiros raios atravessaram a pequena janela no alto da parede da cela, encontraram-no já sem vida.

Sobre a mesa, uma carta de despedida. A consciência não o deixara dormir durante toda a noite. Exausto, buscou o sono eterno, com esperança de ser, algum dia, perdoado pela História.

Fim